



ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES
UÍMA

ÍNDICE

| | |
|---------------------------|----|
| O Sítio..... | 2 |
| Património Cultural | 9 |
| Património Natural | 25 |
| Equipamentos..... | 27 |
| Acessibilidades | 31 |
| Bibliografia..... | 48 |

Índice de Imagens:

Parque das Caldas de São Jorge

Vale de Lobão

Parque de Lazer da Várzea - Pigeiros

Monte de São Bartolomeu - Sanguedo

Ponte Romana em Várzea - Canedo

Parque das Hortas - Sandim

Parque de Sá - Sandim

Envolvente à ETAR de Lever

Rua da Fontinha - Crestuma

Foz do rio Uíma - Crestuma

Índice de Mapas:

Mapa 01 – Rio Uíma | Hipsometria

Mapa 02 – Rio Uíma | Geologia

Mapa 03 – Rio Uíma | Ocupação do Solo

Mapa 04 – Rio Uíma | Património

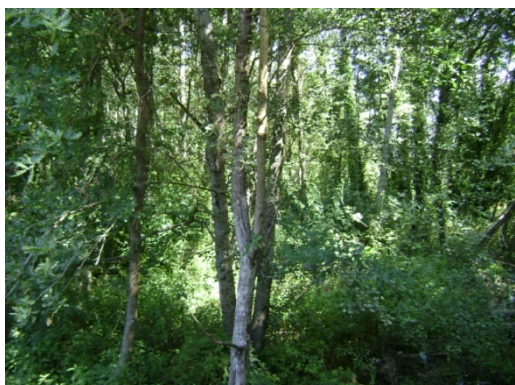
Mapa 05 – Rio Uíma | Hidrografia Principal

ICONOGRAFIA

Parque das Caldas de São Jorge



Vale de Lobão



Parque de Lazer da Várzea – Pigeiros



Monte de São Bartolomeu - Sanguedo



Ponte Romana em Várzea - Canedo



Parque das Hortas - Sandim



Parque de Sá - Sandim



Envolvente à ETAR de Lever



Rua da Fontinha - Crestuma



Foz do rio Uíma - Crestuma



Roteiro dos Moinhos de Sandim (www.jf-sandim.pt)



Legenda:

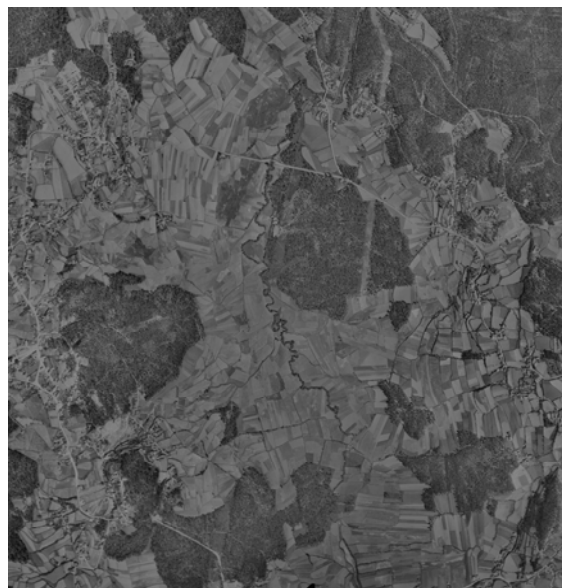
- 1 - Junta de Freguesia
- 2 - Teatro Amador de Sandim
- 3 - Sport Club "Os Dragões Sandinenses"
- 4 - Associação de Socorros Mútuos de Sandim
- 5 - Movimento Dinâmico-Cultural de Sandim (Módicus)
- 6 - Igreja Paroquial
- 7 - Capela do Calvário
- 8 - Capela Nova do Mosteiro
- 8a - Capela do extinto Convento de Vila Cova das Donas
- 9 - Centro de Saúde
- 10 - Escola Primária de Sá
- 11 - Escola antiga e desactivada de Sá
- 12 - Escola Primária de Santa Marinha
- 13 - Escola PRIMária de Gestosa
- 14 - Cinema
- 15 - Escola Primária nº02 da Igreja
- 16 - Escola Primária nº01 da Igreja
- 17 - Clube de Caçadores de Sandim
- 18 - Estação de Correios
- 19 - Cemitério Paroquial
- 20 - Centro de Dia da 3ª Idade
- 21 - Capela de Gassamar
- 22 - Capela Particular de Gende
- 23 - Parque de Sá
- 24 - Centro Paroquial de Sandim
- 25 - Associação Cultural "Casa da Eira"
- 26 - Sociedade Colubófila de Sandim
- 27 - Praça de Taxis
- 28 - Escola EB 2/3
- 29 - Farmácia
- 30 - Academia Musical de Sandim
- 31 - Moinhos



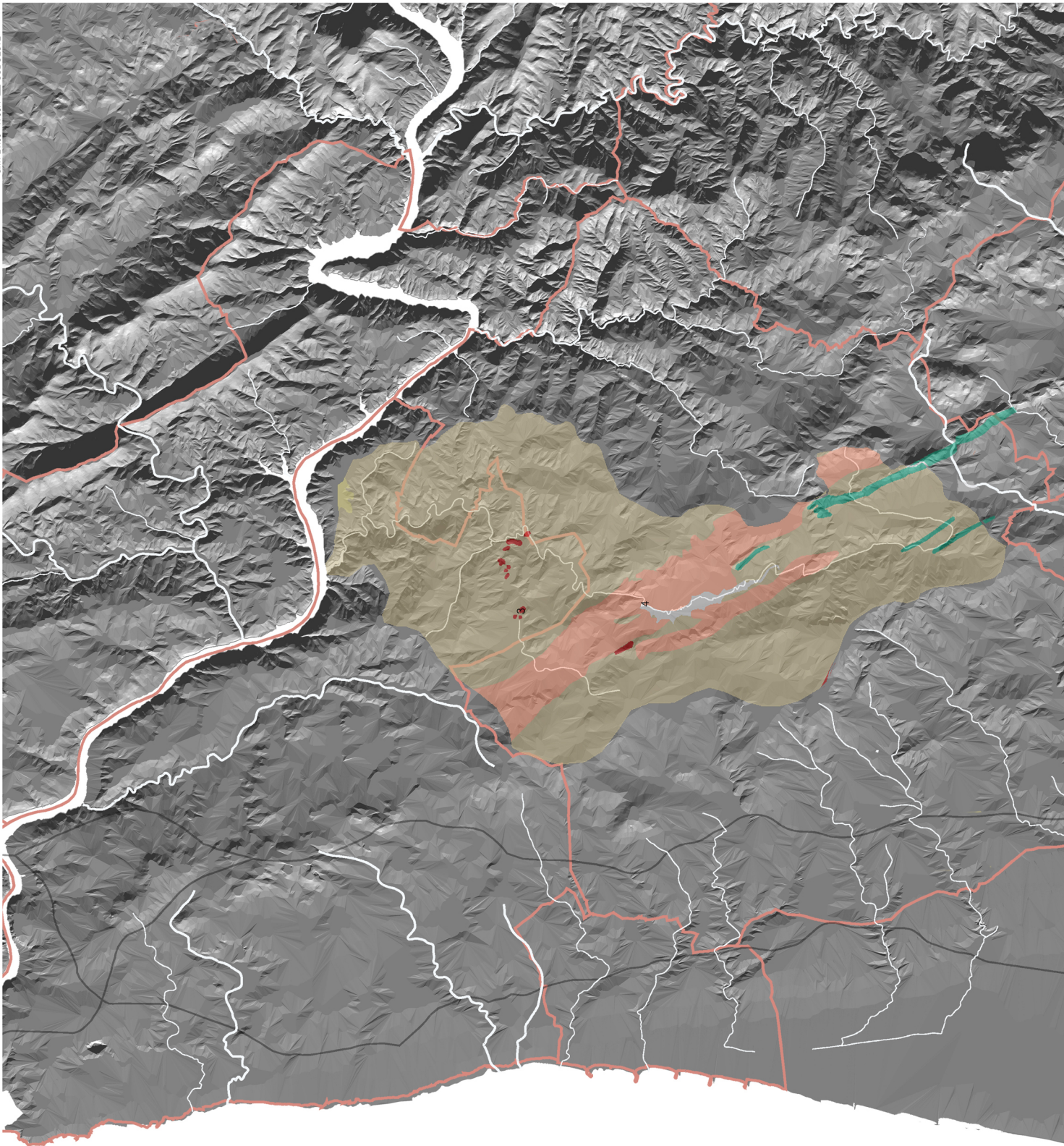
Vale de Lobão



Fonte: Google Earth 2005/2008

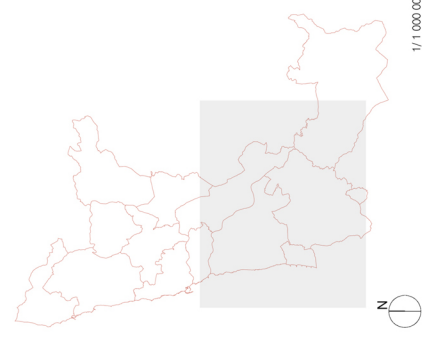


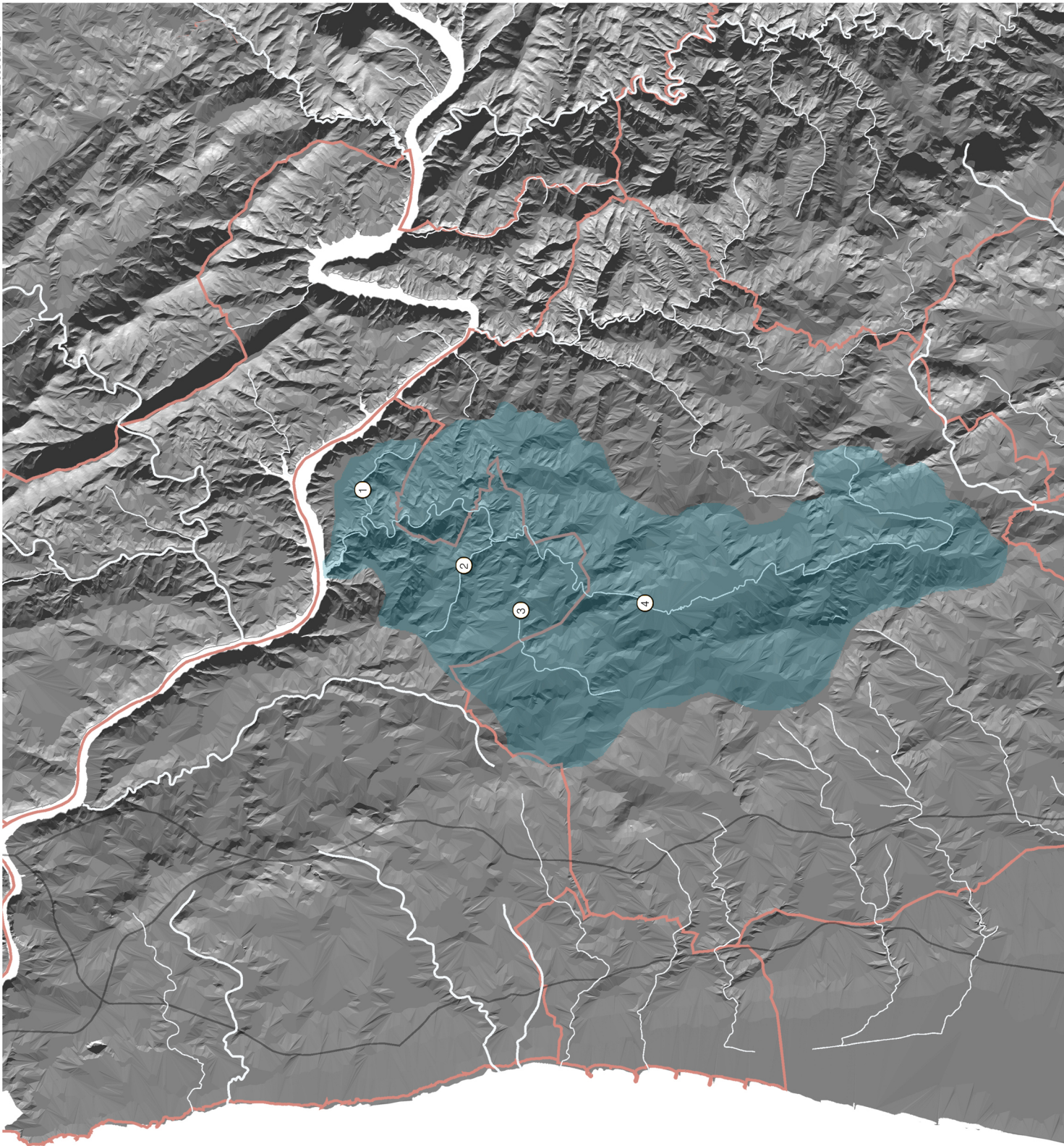
Fonte: IGE 1958



01 RIO UIMA | GEOLOGIA

- Carbônico Devoniano
- Aluviões e Fluvissolos
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauwáquico
- Paleozóico
- Rochas Silonianas

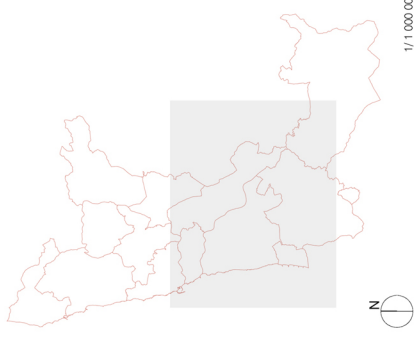




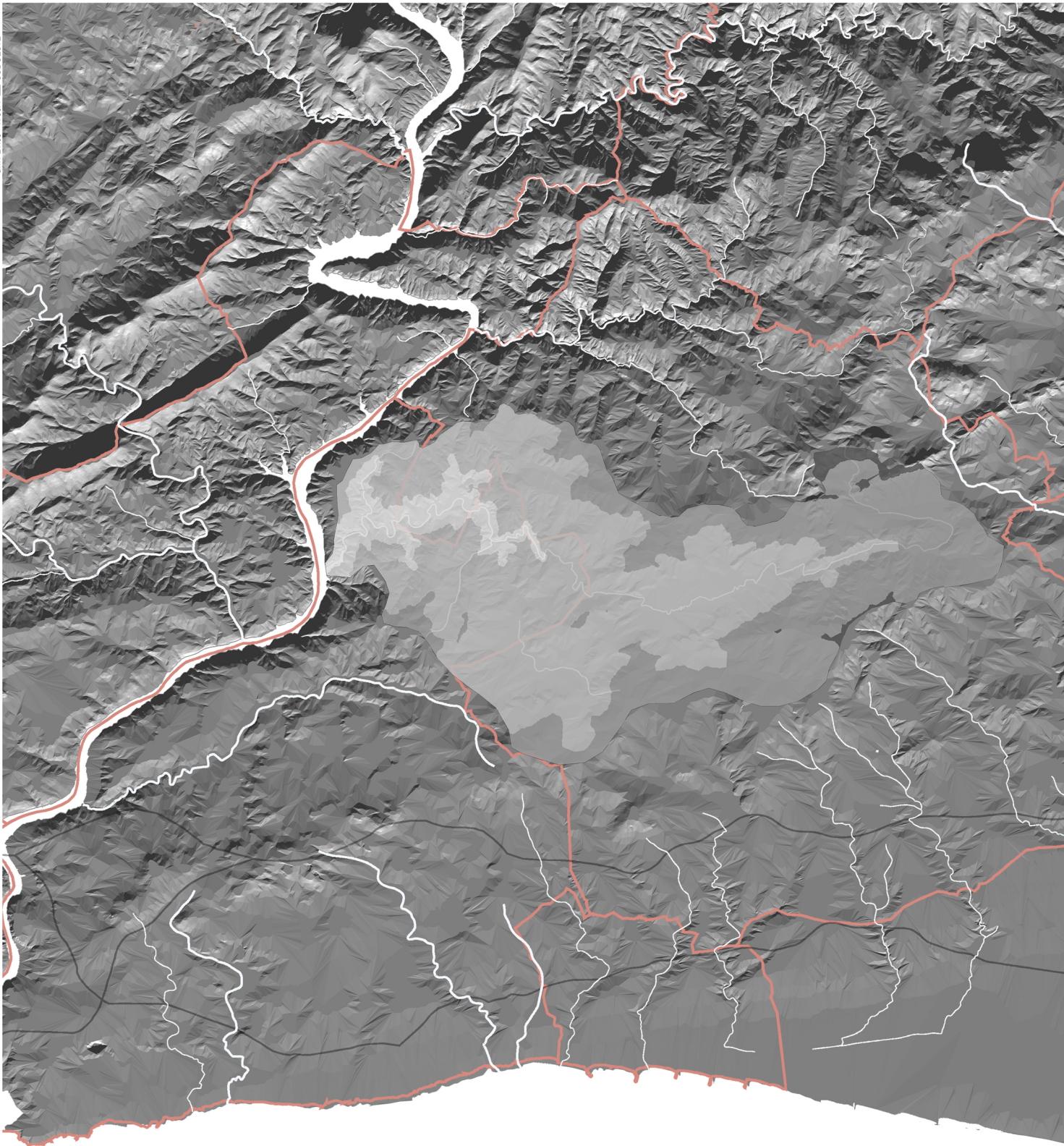
02 RIO UIMA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL

- 1 Ribeira da Bica
- 2 Ribeira de Gende
- 3 Regato da Carvalha
- 4 Rio Uima

Bacia Hidrográfica do Rio Uima

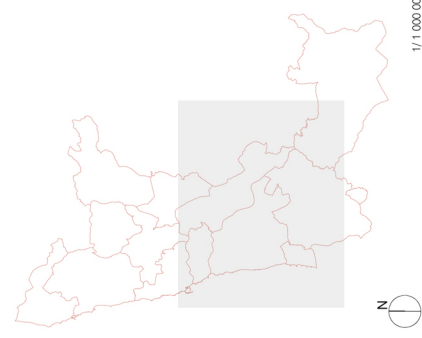


02 RIO UIMA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL



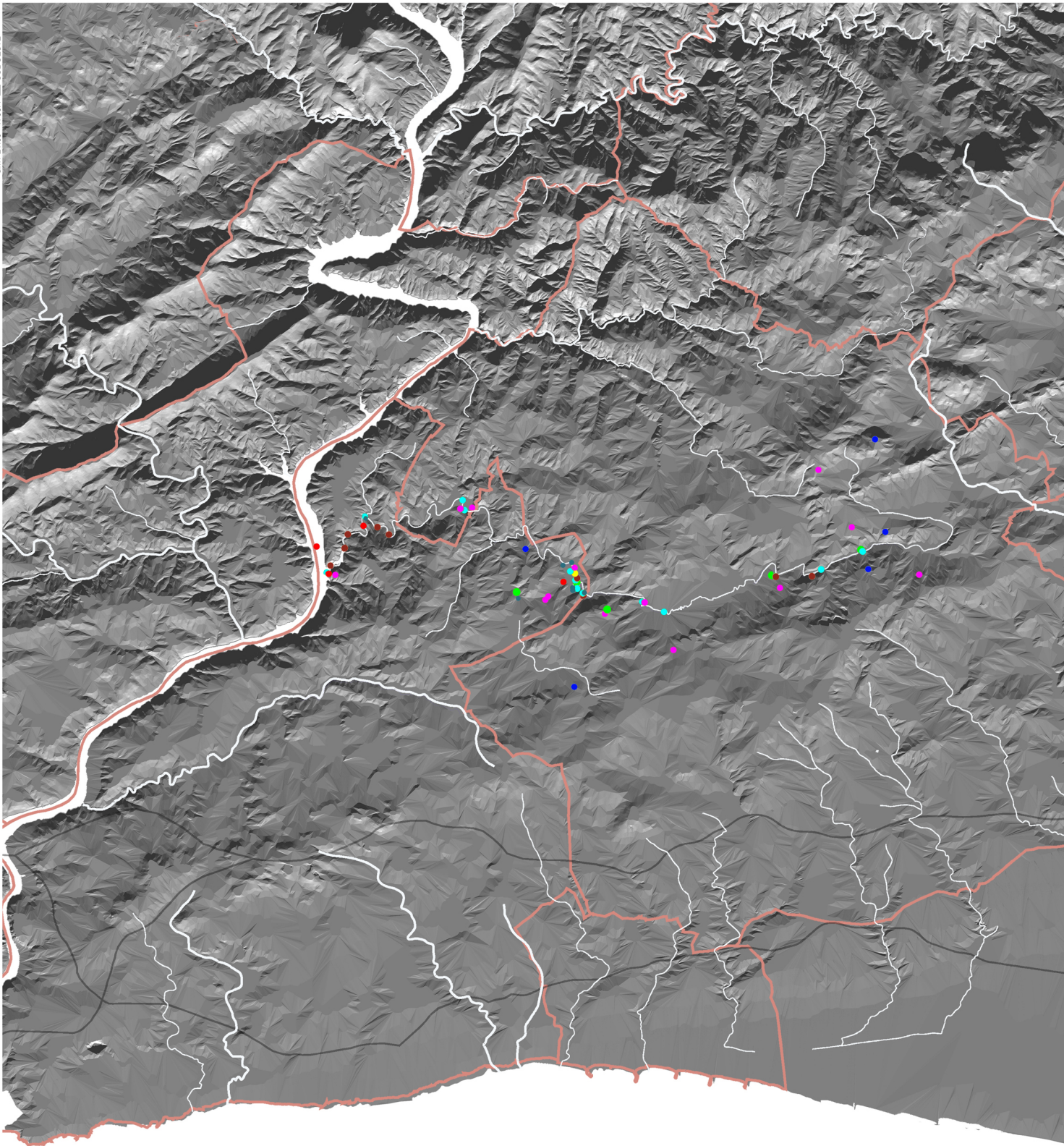
03 RIO UIMA | HIPSOMETRIA

- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- > 300 metros



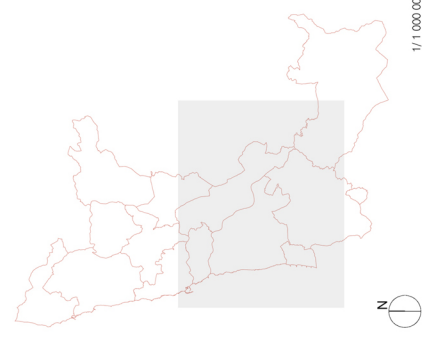
1 / 1.000.000

1 km



04 RIO UIMA | PATRIMÓNIO

- Património religioso
- Quintas
- Parques
- Moinhos
- Postes
- Património arqueológico
- Património industrial
- Equipamentos



IDENTIFICAÇÃO

Nome: “Rio Uíma”

Área:

Freguesias: Romariz, Pigeiros, Milheirós de Poiares, Escapães, Caldas de São Jorge, Lobão, Fiães, Vila Maior, Sanguedo, Canedo (Santa Maria da Feira), Sandim, Lever e Crestuma (Vila Nova de Gaia)

Concelhos: Santa Maria da Feira e Vila Nova de Gaia

DESCRIÇÃO

(O rio Uíma) “nam produs mais peixe que trutas e bogaz, mas com abundância. Nam he navegável (...) Em algumas partes, corre mais, porém passa por terras largas não vai arrebatado (...) Em algumas margens deste rio tem de huma e outra parte arvores sem fruto, como são amieiros, salgueiros e carvalhos.”

Memórias Paroquiais (1758)

“Só quem conheceu este curso de água (o rio Uíma), de um volume e limpidez que rivalizava com os mais lindos rios do interior de todo o continente. As suas margens têm pontos de beleza paradisíaca que muito rivalizavam com tudo o que se vê em postais ilustrados. A sua fauna piscícola idêntica ao Febros, era muito abundante, sobretudo em trutas (...). Pode afirmar-se, sem receio de exagero, que era um dos rios mais ricos no povoamento de trutas. O que nos resta hoje? Um curso de água fortemente poluído pelas muitas fábricas que se instalaram nas margens. Na sua maioria são de fabrico de papel, mas, ao que asseveram, a que mais graves danos causa é a fábrica de brinquedos, no concelho da Feira que lança diariamente no rio grandes quantidades de resíduos químicos (...).”

Câmara Municipal de Gaia (1990)

O Sítio

O **rio Uíma** é um afluente da margem esquerda do rio Douro. Nasce no Monte Alto (350 m de altitude), no lugar de Duas Igrejas, freguesia de Romariz (Santa Maria da Feira) e tem a sua foz em Crestuma (Vila Nova de Gaia), ligeiramente a jusante da Barragem de Crestuma-Lever. Da nascente até a foz percorre,

predominantemente de Sul para Norte, as freguesias de Romariz, Pigeiros, Milheirós de Poiares, Escapães, Caldas de São Jorge, Lobão, Fiães, Vila Maior, Sanguedo, Sandim (Vila Nova de Gaia), Canedo (Santa Maria da Feira), Lever e Crestuma (Vila Nova de Gaia).

A bacia do rio Uíma abrange freguesias dos concelhos de **Vila Nova de Gaia** (a jusante) e **Santa Maria da Feira** (a montante). Santa Maria da Feira distribui-se por uma área de 215 km², distribuídos por 136 000 habitantes (Censos 2001), subdividido em 31 freguesias. Vila Nova de Gaia é o terceiro concelho mais populoso do país e o mais populoso da Região Norte, com uma área de 168,7 km² e cerca de 288 749 habitantes (Censos 2001), subdividido em 24 freguesias.

Administrativamente, estão ambos os concelhos integrados na Região Norte. Santa Maria da Feira está integrada na subregião estatística (NUT III) **Região de Entre Douro e Vouga**, composta por parte da Região Norte e do Distrito de Aveiro; por alguns, chamada "**Terras de Santa Maria**". Confina a Norte com o Grande Porto e o Tâmega, a Este com o Dão-Lafões e a Sul e a Oeste com o Baixo Vouga. A região de Entre Douro e Vouga abrange os concelhos de Arouca, Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, São João da Madeira e Vale de Cambra, numa área correspondente a 859 km² e uma população residente de 276 814 habitantes (Censos 2001).

Por sua vez, Vila Nova de Gaia integra o **Grande Porto** (ou Área Metropolitana do Porto), constituída em subregião estatística (NUTS III), parte da Região Norte, a qual ocupa uma área total de 817 km² com 1 572 176 habitantes, distribuídos por 9 concelhos (Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia). O Grande Porto é limitado a Norte pela subregião do Cávado, a Este pelo Ave e o Tâmega, a Sul pelo Entre Douro e Vouga e o Baixo Vouga e a Oeste pelo Oceano Atlântico. O Grande Porto não é inteiramente coincidente com a Grande Área Metropolitana do Porto que é mais abrangente, incluindo também os municípios de Arouca, Santa Maria da Feira, Santo Tirso, São João da Madeira e Trofa, estando prevista ainda a adesão de Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra.

A Área Metropolitana do Porto e a Região de Entre Douro e Vouga integram-se numa região mais vasta: a **Região de Entre Douro e Minho**, localizada no Noroeste de Portugal Continental e que abrange os distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto e ainda alguns concelhos dos distritos de Vila Real (Mondim de Basto e Ribeira de Pena), Viseu (Cinfães e Resende) e Aveiro (Espinho, Feira, Arouca, Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira e Vale de Cambra).

O rio Uíma tem uma área de **68 km²** e um perímetro de **35 km**, desenvolvendo uma bacia alongada e estreita, orientada predominantemente de Sul para Norte, à excepção do seu troço mais a montante entre Romariz e Pigeiros, em que a sua orientação é de Norte para Sul. A sua **rede hidrográfica** é muito densa e extensa, constituída por inúmeros ribeiros e regatos. Dos principais afluentes, destacam-se no seu troço final em Vila Nova de Gaia, a **Ribeira de Gende** que desagua em Sandim na margem esquerda e a **Ribeira da Bica** que desagua em Lever na margem direita.

No que se refere à **geologia**, a bacia do rio Uíma está talhada nas rochas do **complexo xisto-magnetítico antigo**, de onde em onde interrompidas por afloramentos de granitos e gnaisses como em Pigeiros, Arcozelo (pedreiras exploradas nas rochas gnaissicas), São Jorge (onde o granito é atravessado por filão quartzoso, ao longo do qual brotam as águas minero-medicinais das Caldas de São Jorge), e possui na parte vestibular e nas cabeceiras pequenos afloramentos de quartzitos ordovícicos. As rochas graníticas afloram largamente nas zonas centrais e sul da bacia, nelas se desenvolvendo as maiores altitudes. De relevo moderado, a altitude máxima é de 400 metros em Duas Igrejas, a bacia do Uíma é, no entanto, marcada por uma diferenciação topográfica evidente. Às **vertentes suaves e aos vales pouco encaixados** de Nadais, Pigeiros, Vinhó, opõe-se uma **extensa depressão** de fundo plano, coberta por **materiais aluviais**, onde o Uíma meandrizava, que abrange as áreas de São Jorge, Lobão e Sanguedo, enquadrada a ocidente por vertentes abruptas donde se individualiza Fiães (230 m de altitude). O Uíma deixa a depressão em Sanguedo e até à foz em Crestuma corre por entre vertentes modestas, mas vigorosas num **vale bastante encaixado** (Coelho, 1990).

O **clima** da região abrangida pela bacia do Uíma é uma área bastante chuvosa, dado que recebe em média mais de 1600 mm de chuva por ano (Posto de Fiães: 1603 mm), valor normal para 1931-1985), repartidos por 120 a 140 dias por ano, de Setembro a Maio. O regime do Uíma reflecte a natureza da precipitação que recebe, apresentando cheias de Inverno e Primavera e um caudal muito reduzido, nos restantes meses do ano, em que os afluentes de primeira, segunda e terceira ordem secam por completo. Os fundos dos vales e a depressão central estão parcialmente inundados durante o Inverno e a Primavera, sendo utilizados como campos de lima. A **utilização da água do rio** para irrigação dos **campos agrícolas**, para os **moinhos**, para as **fábricas de papel pardo** e **fábricas de têxteis** levou ao aparecimento de muitos canais artificiais e de pequenas represas. Em troços do rio mais rectilíneos, as margens estão emparedadas para sustentar o material aluvial e os depósitos de vertente para proteger os campos agrícolas. O próprio curso principal do Uíma foi, nalguns sectores, desviado do seu traçado original, como por exemplo em Engenho. Os poços são muito abundantes, para abastecimento público e irrigação, sendo as águas devolvidas ao Uíma e seus afluentes após utilização (Coelho, 1990).

O rio Uíma estende as suas margens pelos concelhos de Vila Nova de Gaia e Santa Maria da Feira. A **ocupação humana do território** da bacia do Uíma é muito intensa com freguesias como Fiães, Lobão e Sanguedo, atingindo valores superiores a 600 habitantes/km² e restantes com densidades sempre superiores a 160 habitantes/km². Existe uma **grande mobilidade da população** que reside na bacia do Uíma que se desloca diariamente para Lourosa, Feira, Vila Nova de Gaia, Porto, São João da Madeira e Oliveira de Azeméis. Assiste-se a um aumento das construções para habitação que não é acompanhada pela rede de abastecimento de água e saneamento básico. Na bacia do Uíma, localizam-se algumas **actividades industriais**, quer do tipo artesanal, como fábricas de papel pardo, três ainda em laboração e indústria do calçado (em Fiães) em franco declínio; quer as indústrias têxteis e, por outro lado, as indústrias de instalação mais recente como confecções, brinquedos, móveis metálicos e materiais de construção (Coelho, 1990). No concelho de Vila Nova de Gaia, as freguesias de Lever e Crestuma tem **elevada concentração industrial e urbana** nas encostas sobranceiras ao rio Uíma.

No Grande Porto (dos quais se inclui o concelho de Vila Nova de Gaia), o sector primário ocupa menos de 2% da população. No Grande Porto, a Superfície Agrícola Utilizada (SAU), cerca de 16 150 ha, equivale a 20% da área total do território. Em Vila Nova de Gaia, a actividade agrícola é menos expressiva e apresenta as taxas mais elevadas de regressão. Cerca de 34% do território do Grande Porto são ocupados pela floresta. Em Vila Nova de Gaia, predominam os **povoamentos puros de pinheiro** (www.futurosustentavel.org).

Os **fogos florestais** são um risco potencial em áreas densamente florestadas em encostas declivosas, como acontece nas encostas do Uíma. No ano de 2005, no concelho de Santa Maria da Feira, verificaram-se 1735 incêndios florestais, num total de 517 ha de área ardida, dos quais 30% correspondem a matos. Já no concelho de Vila Nova de Gaia, para o mesmo período, ocorreram 797 incêndios florestais, num total de 739 ha, dos quais 62% corresponderam a povoamentos florestais (INE, 2007).

Na região de Entre Douro e Minho, que integra os concelhos de Vila Nova de Gaia e Santa Maria da Feira, há predominância para as **explorações agrícolas** com dimensão inferior a 1 ha, ou entre 1 e 5 ha. A Superfície Agrícola Utilizada da região é de 232 260 ha, dos quais 41% são terra arável, 0,9% de hortas familiares, 12% são culturas permanentes e 46% são pastagens permanentes (INE, 2001). No Grande Porto, do qual se inclui Vila Nova de Gaia, predominam as **culturas temporárias** (26 881 ha), os **cereais para grão** (1 738 ha), as **culturas forrageiras** (21763 ha) e **culturas hortícolas** (1 887 ha). Em Santa Maria da Feira, predominam as **culturas temporárias** (2764 ha), os **cereais para grão** (107 ha) e as

culturas forrageiras (1824 ha). Em relação a culturas permanentes, predomina em área e número de explorações, a cultura da vinha (INE, 2007). No que diz respeito às culturas temporárias, na região de Entre Douro e Minho, predomina o **cultivo de cereais** como o **milho** (31 032 ha). A **batata** (5 285 ha) e o **feijão** (2 637 ha) são também de elevada importância. Nas culturas permanentes, há a dominância da laranja (411 ha), frutos frescos como a maçã (562 ha) e a cereja (832 ha), castanha (460 ha), uva de mesa (31 ha), kiwi (1 005 ha) e noz (204 ha) (INE, 2001).

Relativamente à **história**, deu-se o nome de *Úmica* à região de *Uma*, grafia antiga do rio que actualmente é designado por *Uíma* ou *Ima*, usado tanto no género masculino como no feminino. As palavras latinas "*umidus*" (húmido) ou "*humus*" (solo) têm a mesma origem que Uíma (Baptista, 2000).

Num documento de 1097, aparece a primeira referência ao nome de *Umia*; noutra de 1311, o de *Uma*; no Dicionário de 1158, o de *Huyma* e, actualmente, o de *Uíma* (www.jf-caldasdesaojorge.pt). Acerca do primeiro, Pinho Leal diz o seguinte: "*Em um documento do séc. X, que do cartório do mosteiro de Pedroso, concelho de Villa Nova de Gaia, foi para o arquivo da Universidade, onde hoje existe – fallando da cidade de Santa Maria (hoje villa da Feira) se diz que a cidade da Portella, é situada, 'discurrente rivulo Umia'. Esta cidade da Portella, é actualmente uma insignificante aldeia, no alto da serra, em cuja encosta setentrional está a povoação de Crestuma, sobre a margem esquerda do Douro.*" (Leal, 1873)

A **Úmica** foi habitada desde tempos remotos, desde a época **pré-histórica, proto-histórica, romana e romano-portuguesa**. Os motivos principais eram a **fertilidade dos seus campos**, bem irrigados e coroados de sol, a **segurança** que os *oppida* (termo em latim que designa a principal povoação em qualquer área administrativa do Império Romano) da Portela e Fiães proporcionaram assim como os **castros de Sandim e de Crestuma**, as **águas minero-medicinais das Caldas de São Jorge** e das **Caldinhas fianenses** e o **sossego** religioso dos seus montes e planícies, terreno que foi propício à fundação de muitos ascetérios, eremitérios, mosteiros ou conventos que trouxeram à Úmica, de perto e de longe, milhares de devotos, bons exemplos de trabalho e cultura (Sousa, 1954).

No que diz respeito à **qualidade da água** do rio Uíma, e na ausência de determinações directamente neste efluente, pode referir-se como referência a estação da Barragem de Crestuma, situada no rio Douro, a Sul da confluência do rio Uíma com o rio Douro. Em funcionamento desde 1995, tem vindo a ser classificada com tipo "C" (Aceitável), "D" (Má) e "E (Muito Má)", devido a **elevadas concentrações de coliformes fecais e totais, azoto Kjeldahl, fósforo total e fosfatos**, derivados de poluição orgânica.

A **poluição** do rio Uíma está relacionada com as frequentes descargas de efluentes. Foi detectada poluição em zonas de **grande intensidade de ocupação do solo**, onde as áreas agrícolas e os núcleos

populacionais dominam sobre as pequenas áreas de floresta e junto aos cursos de água que recebem águas utilizadas nas fábricas de papel, nos ribeiros que drena a área de Arcozelo a jusante da exploração de pedreiras. Outrora um rio rico em trutas e outros peixes fluviais, o Uíma desde há muito anos que tem sido maltratado com **descargas de efluentes industriais**, inicialmente provenientes de indústrias ligadas a **puericultura** e **brinquedos**, localizadas nas Caldas de São Jorge e, mais recentemente, provenientes das **pedreiras de extracção de granito**, também da mesma zona (www.jf-caldasdesaojorge.pt). Têm ocorrido também descargas poluentes na freguesia de Romariz (Santa Maria da Feira) em Outubro de 2007, na qual as águas do rio apresentavam uma coloração azul (aveiro.bloco.org). Na zona das Caldas de São Jorge (Santa Maria da Feira), há mais de uma década têm sido observadas descargas de 'águas brancas', resultantes, quer de uma empresa de puericultura, quer da extracção de pedra da empresa Cavaco-Britas de António dos Santos Cavaco, Filhos, Lda., a última verificada em Março de 2008 (Notícias do Jornal de Notícias de 10 e 15 de Setembro de 2004; caldas-sao-jorge.blogspot.com; www.moliceiro.com), as quais justificaram, em 2005, uma queixa à Comissão Europeia e posterior advertência relativamente a incumprimento da Directiva Comunitária 91/271/CEE sobre tratamento de águas residuais urbanas. Mais a jusante, no lugar de Lombão, em Lever (Vila Nova de Gaia), tem sido observadas descargas ilegais de efluentes, com origem possível em problemas de funcionamento da estação elevatória instalada naquele lugar.

No que diz respeito às **águas residuais**, existem várias estações de tratamento de águas residuais (ETAR) projectadas, existentes e em construção distribuídas pela bacia dos rios Uíma. A **ETAR de Lever**, localizada na Rua de Mourães na margem esquerda do rio Uíma, trata os efluentes das freguesias de Sandim e Lever. A estação foi dimensionada para uma população de 25 000 habitantes e pode tratar um caudal de 15 720 m³/dia e uma carga de 1 230 kg/d de CBO₅ (www.aguasdegaia.pt). Tem duas linhas de tratamento (fase líquida e fase sólida), estando ainda prevista o tratamento terciário de efluente e de odores. A fase líquida inclui o tratamento preliminar com gradagem e desarenamento, e o tratamento biológico com arejamento prolongado e posterior decantação. O tratamento terciário é constituído por um sistema de microfiltração e desinfecção por ultravioletas, enquanto o tratamento de lamas através de espessamento por gravidade e desidratação por centrifugação. O tratamento de odores é realizado através de filtração em coluna de carvão activado.

Estão em construção mais duas ETAR para a bacia hidrográfica do rio Uíma, as quais serão responsáveis pela sua despoluição em Fiães e Argoncilhe. A **ETAR de Fiães**, localizada na margem esquerda do rio Uíma, junto à EN 326, no lugar de Grandal, freguesia de Fiães (Santa Maria da Feira) arrancou em 2007, da responsabilidade do consórcio vencedor e da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. Irá permitir o tratamento do efluente correspondente à bacia de drenagem do Uíma Montante, abrangendo a totalidade das freguesias de Fiães e Caldas de São Jorge, a quase totalidade das

freguesias de Pigeiros e Lobão e ainda parte das freguesias de Sanguedo, Guisande, Escapães, S. João de Ver, Lourosa, Sanfins e Vila Maior, estando dimensionada para uma população de 46 mil habitantes/equivalentes, dos quais 18 mil são de origem industrial. A ETAR de Fiães será o principal equipamento de tratamento de esgotos da Bacia do Rio Uíma, e com a sua entrada em funcionamento será possível melhorar significativamente a qualidade da água do rio (Primeiro de Janeiro de 19 de Outubro de 2006).

A **ETAR de Argoncilhe**, em construção junto ao regato da Carvalha, a ETAR vai permitir o tratamento do efluente correspondente à Bacia de drenagem do subsistema de Aldriz. Dimensionada para uma população de 17.147 habitantes, vai servir aquela freguesia e parte de Sanguedo. Poderá tratar até 3 000 m³ de águas residuais por dia, embora, no início, se vá ficar pelos 2 000 m³. Foi adjudicada ao consórcio Eusébios & Filhos S.A./Equisan – Engenharia Ambiental, Lda. Devido ao volume das águas residuais a tratar, o esquema de tratamento dividir-se-á em fase líquida e em fase sólida, estando, ainda, previsto o tratamento de odores e a reutilização do efluente final (Notícia Portal Regional de Aveiro de 4 de Junho de 2008). Decorreu em Dezembro de 2007 a abertura de concurso para a concepção/construção de duas ETAR em Canedo, integrada no Sistema Interceptor do Uíma Montante, pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira (www.compras.gov.pt). Até 2010, a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira prevê investir cerca de 100 milhões de euros na construção da sua rede de saneamento, que deve estar concluída com a construção dos sistemas do Uíma e Inha.

Relativamente a **associações locais** com intervenção sobre o rio Uíma, a Associação Ambientalista e Cultural **Amigos do Uíma**, de âmbito local, está sediada nas Caldas de São Jorge (Santa Maria da Feira) e dedica-se à formação e informação das pessoas em relação à despoluição do rio Uíma, com acções de educação ambiental, denúncia de atentados ao ambiente, entre outras (amigosdouima.org).

As margens do rio Uíma são de grande importância para o desenvolvimento turístico sustentável do concelho que nele percorre 16 km da sua extensão. A Câmara Municipal de Santa Maria da Feira prevê a **construção de vários percursos pedonais** pelas margens do rio com a possibilidade de interligação aos concelhos vizinhos de Vila Nova de Gaia, S. João da Madeira, Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis e ao rio Cáster, permitindo a ligação ao mar, através do aproveitamento da zona de contínuo natural com a envolvência das termas, rio, moinhos, zonas agrícolas e zonas florestais. Prevê ainda a construção do **futuro Parque das Ribeiras** (cerca de 250 ha), sobre as margens do rio Uíma e Antuã, associando o turismo de saúde, ambiental e recreativo, com percursos pedonais nas margens dos rios.

Património Cultural

Ao longo do seu percurso, o rio Uíma atravessa inúmeras **pontes, represas e açudes**, algumas das quais de grande relevância histórico-cultural nas freguesias que atravessa.

A **Ponte da Quinta (Pigeiros, Santa Maria da Feira)** é uma ponte de betão sobre o rio Uíma que liga as povoações da Várzea, Quinta e Malaposta. Encontra-se nas proximidades da **Mamoá da Lage**, do **Parque de Lazer Várzea-Pigeiros** e da **Igreja Matriz de Pigeiros**.

A **Ponte Romana do Engenho (Caldas de São Jorge, Santa Maria da Feira)** faz a ligação entre os lugares do Engenho e Azevedo, num desvio da EN223, sobre o rio Uíma. É uma ponte romana reconstruída em 1866, de onde se destaca o belo arco de volta perfeita, prova perene da técnica e cultura romana (www.roteirosdaagua.com). Esta ponte servia o **tráfego do sal e do peixe** vindos de Ovar para Porto Carvoeiro (Canedo), tendo sido restaurada pela Junta de Freguesia desta vila.

A **Ponte dos Candaídos (Caldas São Jorge, Santa Maria da Feira)** localiza-se no lugar da Sé, sobre o rio Uíma. O arco é ainda o original, mas o tabuleiro foi recentemente reconstruído (www.roteirosdaagua.com).

A **Ponte da Tabuaça (Lobão, Santa Maria da Feira)** é uma ponte em betão, com três arcos desiguais de volta perfeita, que liga o lugar de Tabuaça ao lugar de Terreiro, na EN521. Faz parte de uma **via romana**. Está inserida num pequeno espaço de descanso com um coreto na margem esquerda do rio Uíma. A estrutura foi instalada pela Junta de Freguesia em 1990.

A **Ponte Nova (Fiães, Santa Maria da Feira)**, com o seu arco abatido sobre o rio Uíma, faz a ligação entre Tabuaça e Sub-Outeiro a Grandal, na EN326.

A **Ponte Romana (Fiães, Santa Maria da Feira)**, tida popularmente por “romana”, esta pequena e arruinada ponte de alvenaria localiza-se sobre as margens do rio Uíma, ostentando singelo arco redondo, possivelmente de traça já tardo-medieval ou mesmo da época moderna (www.roteirosdaagua.com). Liga as povoações da Casqueira e Idanha.

A **Ponte de Carro (Sandim, Vila Nova de Gaia)**, situada na Rua Ponte de Carro, tem acesso através de um caminho carreteiro, entre denso bosque. É uma ponte romana, de arco único, nas traseiras de uma fábrica. Este caminho pertenceria à antiga estrada romana Porto-Viseu. Ao lado situa-se um hipódromo.

As **Pontes de Sá e de Chão de Moinhos (Sandim, Vila Nova de Gaia)** são duas pontes construídas em betão que fazem ligação entre os lugares de Sá, Chão de Moinhos e Gassar e separadas a escassos metros uma da outra. Próximo localiza-se a **Capela de Gassar**, a **Casa da Eira** e os **moinhos nas margens do rio Uíma**, junto ao **Parque de Sá**.

A **Ponte de Mourães (Lever, Vila Nova de Gaia)**, situa-se na Rua de Mourães, próximo da **ETAR de Lever**. A ponte propriamente dita não tem grande importância arquitectónica, mas a referência deve-se à sua envolvente. Para jusante da ponte, situa-se a ETAR de Lever, cuja instalação conduziu ao tratamento de margens num troço em cotovelo do rio Uíma, junto às ruínas de um moinho, com ajardinamento, colocação de canteiros e percurso pedonal, marginal ao rio. Este espaço tem continuidade ao longo da margem esquerda, cerca de 400 metros, com vegetação ripícola apenas no troço final. Para montante da ponte e seguindo por um pequeno estradão, pode encontrar-se um moinho em excelente estado de conservação, com uma represa e, mais adiante alguns metros, um açude. Todo este percurso é marginal ao rio, sob a sombra de densa vegetação ripícola, sobretudo amieiros, salgueiros e plátanos.

As **Pontes da Foz do Uíma (Crestuma, Vila Nova de Gaia)**, situadas no lugar do Colégio sobre a foz do rio Uíma. São duas pontes em betão, uma mais antiga e desactivada para o trânsito automóvel, junto da qual estão umas alminhas na margem esquerda. Neste troço final, o rio tem margens emparedadas em cimento, sem vegetação ripícola. Desta ponte, é possível avistar a ocupação urbana das encostas de Crestuma e a prática agrícola nas margens do rio.

As **mamoas**, **mamoelas** e **castros** são elementos do património arqueológico e histórico-cultural da região da Uíma. Uma **mamoá** ou **tumulus** é um montículo artificial que cobre uma câmara dolménica e apresentam geralmente uma forma oval ou circular. Eram edificadas com pedra e areia e tinham a finalidade de proteger o dólmen, cobrindo-o completamente. Eram estruturas de tamanho variável, podendo atingir quarenta metros. As couraças de revestimento das mamoas feitas de terra, que possivelmente ainda seriam visíveis na altura da construção, acabariam provavelmente por ficar mais ou menos revestidas por vegetação algum tempo depois. O nome "*mamoá*" origina dos romanos aquando da sua chegada à Península Ibérica, que deram o nome de "*mammulas*" a estes monumentos, pela sua semelhança com o seio de uma mulher. Cada mamoá teria a função de esconder e proteger a sepultura, conferindo-lhe, ao mesmo tempo, maior monumentalidade. É possível que tivesse também, em certos casos, fornecido um plano inclinado para o transporte da tampa da câmara da anta até à sua posição

definitiva. Em Portugal, as mamoas estão normalmente dispostas em grupos, ocupando zonas planas, normalmente planálticas, em regra “pobres” para a agricultura e à margem de caminhos actuais ou antigos.

Um **castro** é um tipo de povoado existente nas montanhas do Noroeste da Península Ibérica, na Europa, e que são característicos da Idade do Ferro com estruturas predominantemente circulares, revelando desde cedo a implementação de uma «civilização da pedra», quer nas zonas de granito, quer nas de xisto. Uma **cividade** (substantivo feminino antigo de cidade) ou **citânia** é um castro de maiores dimensões e importância, habitado continuamente. Durante muito tempo, consideraram-se os castros como povoados fortificados mas esta designação, consagrada pelo uso, é evidentemente muito redutora. Recentemente, tem-se vindo a aperceber que estes sítios são de uma enorme complexidade, que de maneira alguma se podem apenas resumir a uma cultura local, e muito menos, a uma função. Os castros estão quase invariavelmente localizados no topo de montes que são defesas naturais e permitem o controlo táctico dos campos em redor. Estes montes tinham sempre fontes ou pequenas ribeiras, e naqueles mais desprovidos de água eram construídos reservatórios pelas populações, provavelmente para resistir aos cercos.

A **Mamoia da Laje (Pigeiros, Santa Maria da Feira)** localiza-se no lugar da Laje, a pequena distância da EN1. É um monumento megalítico de grande volumetria, com uma cratera que apresenta um negativo de violação razoável, o mesmo se podendo dizer do seu estado de conservação. Faz parte de um conjunto de monumentos megalíticos espalhados pelo concelho de Santa Maria da Feira, que comprova a presença de comunidades já minimamente organizadas, num período final do Neolítico, inícios da Metalurgia. A estrutura pétreia (o dólmen com os seus esteios e laje de cobertura) terá sido desmantelada no séc. XVIII. Foi classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1997 (www.roteirodaagua.com).

A **Mamoela de Vinhó (Pigeiros, Santa Maria da Feira)** ergue-se num local elevado, no lugar de Vinhó, o que lhe confere um acentuado destaque na paisagem onde foi implantada, sobre a qual detém, por conseguinte, uma forte visibilidade. Quanto à estação arqueológica, propriamente dita, ela é constituída por uma mamoia – ou *tumulus* - com cerca de 20 metros de diâmetro máximo, apresentando uma pequena depressão no centro, possivelmente resultante de uma violação ocorrida num tempo indeterminado. Encontra-se em vias de classificação pelo IPPAR, mas está homologado como Imóvel de Interesse Público desde 1990 (www.ippar.pt).

O **Castro de Romariz (Romariz, Santa Maria da Feira)** é, indubitavelmente, o património histórico de maior relevância na freguesia de Romariz. O Castro de Romariz é um **povoado fortificado** datado do séc. VI a.C., com níveis de ocupação até ao séc. I d. C., implantado no Monte do Castro de Romariz, uma

pequena elevação situada a NE da Igreja Paroquial, que termina superiormente num planalto quase horizontal com a área de 16 300 m². As vertentes a Norte, Nascente e a Sul são abruptas com um declive que varia entre os 40 e 50% numa extensão de cerca de 400 metros. Do lado Poente, o declive é muito mais suave. Para defesa da fortificação foi cavado, deste lado e em forma de arco, um fosso que mede 470 m de comprimento e 10 m de largura, em média. É a "Rua dos Mouros". É, até ao momento, um dos escassíssimos povoados identificados na **região outrora ocupada pelo Túrdulos**. Descoberto em 1845, o Castro de Romariz seria originariamente um conjunto de cabanas, no interior das quais existia uma lareira, a única construída com materiais não perecíveis. A par das estruturas habitacionais, encontrou-se um vasto espólio móvel neste povoado da 2^a Idade do Ferro, que atesta bem os prolongados contactos que a sua população manteve ao longo dos tempos com realidades culturais exógenas, com especial relevo para os derivados do Mediterrâneo Oriental. Dos contactos estabelecidos com estes circuitos, salienta-se um considerável conjunto de materiais cerâmicos, de entre os quais sobressaem algumas ânforas de origem púnica, datáveis do século V a.C., bem como diversas contas de pasta vítrea e um fragmento de cerâmica grega atribuída ao séc. IV a.C. Também em relação a este povoado se pondera a provável existência de práticas funerárias levadas a efeito no interior das próprias habitações, posteriormente transpostas para um espaço especialmente seleccionado para o efeito no âmbito do recinto familiar, de características, naturalmente, mais abrangentes. No caso específico do Castro de Romariz, esta religiosidade manifestada ao nível do culto doméstico parece adquirir alguma consistência com a presença de mesas, as quais, na opinião de certos autores, teriam finalidades sacrificiais e litúrgicas, possivelmente conduzidas pelo paterfamilias, enquanto repositório vivo das ancestrais tradições que conferiam a indispensável coesão interna e emocional à comunidade à qual pertencia e servia. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1945 (www.ippar.pt). O Castro de Romariz é um dos **principais pontos históricos e turísticos do Concelho de Santa Maria da Feira** e o **povoado castrejo mais expressivo** da região de Entre Douro e Vouga.

O **Castro de Fiães (Fiães, Santa Maria da Feira)** localiza-se no Monte de Santa Maria, também conhecido por Monte do Redondo, onde foram identificados vários vestígios arqueológicos. Presume-se ter existido naquele local uma necrópole celta denominada "*Lancobriga*" (por vezes, *Langobriga*). Lancobriga é apontada como a possível capital dos **Turduli Veteres**. Por volta do séc. II a.C., os romanos ocuparam o referido monte, que já conheceria um certo desenvolvimento por volta do séc. IV. O "itinerário de Antonino" refere que na estrada romana que ligava Olissipo (Lisboa) a Bracara Augusta (Braga) encontrava-se Lancobriga a 18 milhas de Talabriga (Branca) e a 13 milhas de Cale (Gaia), distâncias que correspondem à localização de Fiães, onde ainda hoje se pode vislumbrar restos do pavimento dessa via no lugar de Ferradal. As Memórias Paroquiais do reitor Paulo Antunes Alonso (1758), referem o vasto espólio aqui encontrado e que actualmente se encontra depositado, na sua maioria no sector de Arqueologia do Museu de Antropologia do Porto (www.terrasdafeira.pt). Estes vestígios consistiram em

muralhas, restos de construção e habitações castrejas e romanizadas, mós manuais, grande número de moedas, algumas das quais de imperadores do séc. IV, e uma do imperador Adriano, do séc. II d.C., pesos metálicos, lucernas, vários objectos de ferro e bronze, telha característica, tijolos, fíbulas, argolas, vidros, afiadores, estelas, cerâmica pintada a branco sobre vermelho, terra sigilata, etc.. O povoado fortificado castrejo, assentou, como usualmente, na coroa de um outeiro mais ou menos cónico, se bem que não particularmente elevado (197 m) e/ou de encostas abruptas.

A **extensa rede de cursos de água**, associada à origem geológica dos solos, provoca uma grande abundância de água na bacia do rio Uíma. Curiosamente, no séc. XIX e na 1ª metade do séc. XX, estes cursos de água e a sua abundância proporcionaram a extraordinária proliferação dos **engenhos de fabricar papel** (Silva *et al.*, 2000). Desde o séc. XVIII, o desenvolvimento das freguesias de **Lever, Crestuma, Sandim** (Vila Nova de Gaia) e **Caldas de São Jorge** (Santa Maria da Feira) dependeu da abundância dos cursos de água que forneceram energia fundamental para a sua actividade. A epopeia do fabrico do papel é um caso interessante de um aproveitamento equilibrado dos recursos energéticos naturais e tem uma posição estratégica na região. Localizam-se nas margens do rio Uíma, em Crestuma e Lever, as antigas instalações de uma **fábrica de tecelagem**, a **Fábrica de Fiação de Crestuma** e várias **fábricas de papel**, a larga maioria em mau estado de conservação. É o exemplo da Rua da Fontinha, em Crestuma. Nesta freguesia, existiram, no séc. XIX e XX, numerosas fábricas de fiação e tecelagem e papel. O próprio brasão da freguesia de Crestuma apresenta um dobadoiro vermelho, que representa a indústria de fiação, com numerosas fábricas, que retomaram pela via industrial a antiga actividade doméstica do fiar, do dobar e do tecer. A Fábrica de Fiação de Crestuma é o símbolo dessa actividade, cujas instalações, durante muitos anos devolutas, estão agora ocupadas pela Delfingen Portugal e Suleve Portugal, ambas fábricas de montagem de peças para automóveis.

Em **Sandim**, junto à povoação de Crasto, pode-se encontrar outro **núcleo de fábricas de papel**, em margens meandrizadas do rio Uíma, algumas com açudes e moinhos privados. É o exemplo da **Fábrica do Engenho**, localizada no lugar do Engenho, uma antiga fábrica de papel, cuja força motriz foi a água do rio e onde se produziu o primeiro papel selado do nosso país, vai para duzentos anos. Essa fábrica, com dois moinhos e uma ponte, em propriedade privada, fazem um magnífico conjunto.

Também nas **Caldas de São Jorge**, no concelho de Santa Maria da Feira, existem exemplos de património arqueológico industrial, em estado de ruína. É o caso da **Fabruíma**, próximo da entrada do Parque das Termas das Caldas de São Jorge, uma fábrica de produção de brinquedos, como por exemplo, lambretas antigas em chapa ou lata que eram réplicas de automóveis ou de triciclos (caldas-sao-jorge.blogspot.com).

Existem várias **capelas, igrejas e mosteiros**, exemplos do rico património religioso, da bacia do rio Uíma.

A **Capela de Duas Igrejas (Romariz, Santa Maria da Feira)** está implantada em elevação no Largo de S. Silvestre junto ao cemitério e um jardim-de-infância e encontra-se nas proximidades das nascentes do rio Uíma. Tem uma traça semelhante à Igreja Matriz de Romariz, marcadamente dos finais do séc. XIX e início do séc. XX. As diferenças consubstanciam-se ao nível do pórtico que é rectangular e da respectiva torre sineira, a qual surge adossada ao flanco Sul do templo (Silva *et al.*, 2000). No pequeno largo, pode ainda encontrar-se um cruzeiro e um escudo em pedra.

A **Igreja Matriz de Santa Maria (Pigeiros, Santa Maria da Feira)** é um templo de medianas dimensões e traçado sóbrio, salientando-se a harmonia no contraste entre o revestimento da fachada e as cantarias escurecidas. A torre sineira, bem lançada, ergue-se no flanco. A Igreja Matriz de Santa Maria recebeu uma importante reforma em 1924, sendo de presumir que daí advenha o aspecto actual do santuário (www.roteirosdaagua.com). O imóvel apresenta, adossada ao flanco Norte, uma sólida torre quadrangular de dois pisos, rematada ao alto por uma alva cobertura piramidal alongada. Quanto ao alçado principal da igreja, este surge rasgado por um austero portal liso, de pesada arquitrave; um pouco acima, surge então um também sóbrio janelão quadrangular gradeado, este rematado em frontão triangular. Toda a frontaria surge dotada de um interessante revestimento em azulejo com belos painéis, figurando, em tons de azul e branco, dois alçados do Mosteiro da Batalha, as armas e estandarte da Ordem de Aviz, entre outros motivos envolvidos por uma cercadura em grinalda. Existem ainda dois cruzeiros, um deles datado de 1769. As festividades decorrem a 17 de Agosto (Silva *et al.*, 2000).

A **Capela da Nossa Senhora das Necessidades (Escapães, Santa Maria da Feira)** situa-se na encosta nascente do Monte de Meia Léguas, entre o rio Uíma e a antiga estrada romana, a que se reporta o historiador Antonino. Foi mandada fazer pelos frades Crúzios do Mosteiro de Grijó, em meados do séc. XIV. A capela primitiva, de dimensões acanhadas, era encabeçada por uma desgraciosa galilé. Com o andar dos tempos, a galilé foi suprimida e a capela aumentada. A imagem de Nossa Senhora das Necessidades, de algum valor artístico, presume-se ser obra da Escola Portuense do final do séc. XVII. A romaria, antiquíssima, celebra-se sempre no 1º domingo a seguir ao dia de Santo António.

A **Igreja Matriz de São Jorge (Caldas de São Jorge, Santa Maria da Feira)**, localiza-se próximo do Parque e Termas das Caldas de São Jorge, é um edifício de razoáveis proporções, com a sua altiva torre sineira a um dos flancos. A igreja foi benzida em 1735. No seu alçado principal, o templo ostenta um austero pórtico formatado em esquadria e rematado ao alto por um clássico frontão triangular, abre-se um janelão, também rectangular e liso, gradeado a ferro no interior. A cornija, bastante sobressaliente e

talhada em caveto, prolonga-se pela torre sineira adossada ao templo, do seu lado sul. Quanto ao frontão de remate da empena, é recortado aos flancos em formato curvilíneo, sobrelevando-se a parte central, de remate triangular. Um revestimento azulejar, de ornamentação geométrica em tom azul, forra exteriormente o conjunto, na sua quase totalidade. Recordando o hábito ancestral dos enterramentos no adro, pode apreciar-se ali uma laje tumular granítica, emoldurada em artísticos ornatos, e assim se destacando do pavimento calcetado a pequenos cubos de calcário. Um pouco adiante, ergue-se um singelo cruzeiro datado de 1660. Perto existe um Centro Paroquial (www.roteirosdaagua.com).

A **Capela de Nossa Senhora da Conceição (Fiães, Santa Maria da Feira)**, erguida no alto castrejo de Monte Redondo ou de Santa Maria, é uma estrutura de razoáveis dimensões e singela traça setecentista que, veio substituir, depois de 1734, um anterior templete, de fábrica tosca e humildes proporções, onde se venerava uma antiquíssima imagem, em pedra de ançã, figurando Nossa Senhora da Conceição com o Menino. A estrutura viu-se posteriormente (certamente por finais do séc. XIX) flanqueada por uma torre sineira, de planta quadrangular e bem proporcionada. A frontaria, de sóbria e incaracterística traça, foi recentemente revestida a azulejos, integrando dois painéis com temas marianos (Silva *et al.*, 2000).

A **Capela do Senhor dos Aflitos (Fiães, Santa Maria da Feira)**, localizada no lugar da Idanha, na área setentrional da freguesia, esta elegante estrutura é também conhecida por **Capela da Macieira**. Trata-se de um imóvel de finais do séc. XVIII (1797), ostentando uma traça ao gosto barroco mais recatado, mas sempre de gracioso efeito. O respectivo alçado nobre surge actualmente com um revestimento azulejar em tom azul, emoldurado por cuidadas cantarias; ao alto, um sobressaliente tramo de cornija a contornar, em posição central, um ovalizado óculo gradeado. O pórtico é rectangular e liso, surgindo ladeado pois dois postigos quadrangulares. Ao alto, um sobrelevado e contracurvo frontão da empena, empresta um ar de sua graça nos seus remates em voluta, os quais “pousando” nos topos dos cunhais, vão rematar ao alto em elegantes fogaréus. Entre as diversas peças de imaginária patenteadas no interior deste templo, conta-se com uma bela imagem de Nossa Senhora das Neves (Silva *et al.*, 2000).

A **Capela de Nossa Senhora da Livração (Lobão, Santa Maria da Feira)**, situada no lugar de Tabuaça, junto à ponte com o mesmo nome e sobranceira ao rio Uíma, é uma estrutura de traça simples e incaracterística. Nas proximidades, podem encontrar-se umas pequenas alminhas e um coreto datado de 1990, junto a um pequeno parque com mesas de piquenique na margem esquerda do rio.

A **Capela de Gassamar (Sandim, Vila Nova de Gaia)** situa-se na margem esquerda do rio Uíma, próximo de um moinho, mais precisamente na Rua do Moinho, no lugar de Gassamar. É uma capela singela, datada de 1905. Também designada por **Capela da Senhora da Penha de França** a quem as mulheres grávidas oferecem promessas (pequena festa, todos os anos, no dia 1 de Fevereiro).

O **Mosteiro de Vila Cova das Donas (Sandim, Vila Nova de Gaia)**, dedicado a S. Salvador, estava subordinado ao de S. Bento de Avé-Maria, fundado ainda antes da nacionalidade e com couto, cujos limites acompanham sensivelmente o que hoje é a extensão territorial de Sandim. Terá sido mandado construir por D. Gundezindo, em cumprimento duma promessa feita aquando do nascimento de uma filha, que nasceu deficiente, julgando que o evento se devesse a castigo de Deus. Quando da extinção do convento, as últimas religiosas foram recolhidas no Convento de S. Bento de Avé-Maria, onde se localiza presentemente a estação do mesmo nome. Da primitiva construção, resta apenas uma **ermida românica**, aquilo que se pensa ter sido a capela-mor da Igreja conventual ([ww.cm-gaia.pt](http://www.cm-gaia.pt)), onde se venera o S. Brás e a Senhora das Candeias, no lugar do Mosteiro (www.jf-sandim.pt). A Igreja Matriz data de 1700. Terá existido, porém, uma outra anteriormente, da qual não restam vestígios, no sítio da Carvalhosa, terreno de monte. Tem uma interessante fachada, e no interior e dependências anexas, existem valiosas imagens dos sécs. XVII e XVIII. A da padroeira, Nossa Senhora da Expectação, alguém retirou a proeminência da gravidez. Outra imagem a destacar é a de Santa Quitéria (www.jf-sandim.pt).

A **Capela de Várzea (Canedo, Santa Maria da Feira)**, é uma capela de construção moderna, situada numa elevação, próximo do rio Uíma. Em Várzea, existe uma ponte que atravessa o rio, sendo actualmente ponte rodoviária. Dessa ponte avista-se para jusante uma segunda ponte, mais pequena, de arco único em pedra, provavelmente de origem romana. Junto à ponte, existem umas alminhas. Seguindo a margem do rio, entre a ponte romana e a ponte actual, pode encontrar-se um cruzeiro na margem direita do rio.

A **Capela de S. Brás (Sandim, Vila Nova de Gaia)** localiza-se no Largo do Mosteiro, próximo da ermida do antigo Mosteiro de Vila Cova das Donas. É uma capela de arquitectura moderna, em betão, com linhas simples. Está inserido num largo, sem vegetação ornamental de relevo.

A **Capela de São Bartolomeu (Sanguedo, Santa Maria da Feira)** situa-se no alto do Monte de São Bartolomeu (também miradouro), ergue-se uma capela daquela invocação, dotada de um espaçoso alpendre fronteiro. Junto à mesma e ao longo do caminho que lhe dá acesso, pode apreciar-se um conjunto de 14 cruzes em granito, constituindo um calvário. Este último, de modesta traça, será provavelmente do séc. XVIII, sugerindo o supradito alpendre um acrescento recente. A freguesia deu outrora guarida a uma comunidade religiosa de freiras clarissas, ali instaladas pelos inícios do séc. XX. Sobre a mesma escreveu já o Padre Olímpio de Oliveira Santos as seguintes palavras: *"A igreja do colégio, muito ampla e cuidada, bem como a casa das religiosas que lhe ficava contígua e que formava com ela um grande rectângulo com seu claustro arborizado e ajardinado, já não existe... daquele vasto edifício apenas resta agora a casa do capelão ocupada por um caseiro lavrador, sendo de prever que,*

passadas algumas dúzias de anos, ninguém se lembre de que no lugar de Aldeia Nova existiu em 1910 um convento de religiosas que teve pouca duração, mas que funcionou ainda assim durante 30 anos aproximadamente." (Silva *et al.*, 2000). Na envolvente da capela e dos seus cruzeiros, está em construção o futuro Parque de Lazer de S. Bartolomeu. Este parque que se irá estender em solcalcos desde a capela e dos cruzeiros, irá conter um palco, uma zona de merendas, uma praça, um circuito de manutenção e sanitários.

A **Igreja Matriz de Crestuma (Crestuma, Vila Nova de Gaia)**, é uma igreja de construção moderna, sobre as encostas densamente urbanizadas daquela freguesia. Tem vista sobre o troço final do rio Uíma, a poucos metros da sua foz.

De grande importância etnográfica e histórico-cultural, é importante referir como elemento do património o **Monumento ao Moleiro (Sandim, Vila Nova de Gaia)**, inaugurado em 2001. Localiza-se numa colina na margem esquerda do rio Uíma, no **Parque de Sá**, junto à ponte e ao açude ali existente. É uma estátua em bronze representando um moleiro a utilizar a roda do moinho, em pedra de granito. Adjacente, adossado ao patamar superior, existe uma parede também em granito com duas levadas, semelhante a um moinho. Este monumento representa a homenagem da freguesia de Sandim a uma das actividades económicas mais importantes da freguesia.

Existem exemplos de **casas brasonadas e agrícolas** que importa destacar na bacia do rio Uíma. A **Casa de São Jorge (Caldas de São Jorge, Santa Maria da Feira)**, é um belo edifício habitacional solarengo, setecentista. Trata-se de um pequeno palacete barroco, de planta rectangular e dois pisos, cujos vãos surgem ricamente emoldurados, sobretudo no alçado que surge armoriado, a um dos flancos mais estreitos. Aí se observa, ao nível térreo, um belíssimo óculo de rebuscada ornamentação na respectiva moldura, destacando-se ao nível superior, um par de frondosas janelas de varandim (este gradeado a ferro forjado), encaixado entre ambas a já aludida pedra de armas (Silva *et al.*, 2000). A **Quinta do Rio (Sandim, Vila Nova de Gaia)**, situada numa zona rural, no lugar de Chão de Moinhos, na margem do rio Uíma, junto ao Parque de Sá. É uma edificação com mais de 200 anos, outrora uma fábrica de papel, que mantém activo um moinho de água junto a um açude e ao Monumento ao Moleiro. Depois de ter sido recuperada, é uma quinta destinada à organização de eventos (www.quinta-do-rio.net).

Na bacia hidrográfica do rio Uíma, existem várias **lendas e tradições** locais que fazem parte do imaginário colectivo das freguesias que o rio Uíma atravessa.

Lenda da Moura Encantada (Sandim, Vila Nova de Gaia)

"No tempo dos Mouros, nas imediações do Rio Uíma, um pobre moço atarefado na apanha de pinhas apercebeu-se do seguinte quadro: uma donzela, linda como o sol, chorava enquanto na sua frente o pai lhe ditava uma sentença terrível:

- Enquanto esta terra que pisas não der pão, vinho e bolotas, daqui não sairás, aqui te manterás encantada!

E, lançada a maldição, a bela moura transformou-se numa serpente prateada que correu a esconder-se no mato. Ao rapaz nunca mais lhe saiu esta cena da memória. Então, sem dizer nada a ninguém, lançou-se ao trabalho de desbravar aquela rude terra: queimou matos, arrancou raízes e pedregulhos, endireitou taludes... Plantou vinhas, sobreiros e depois trigo. Quando, com a ajuda das águas do Uíma, as videiras deram vinho, os sobreiros bolotas e o trigo pão, a serpente saiu do seu esconderijo, enlaçou o valente moço e subindo-lhe pelo corpo, beijou-o.

Finalmente lá estava a formosa princesa, agora livre do encantamento.

- Salvaste-me, tudo te devo e tudo te darei: os meus três moinhos, um que mói ouro puro, outro prata fina e um outro ainda de cobre. Eu própria serei tua.

Casaram e viveram muito felizes para sempre..." (www.jf-sandim.pt)

Lenda da Grade de Ouro (Crestuma, Vila Nova de Gaia)

"Diz-se que sob a ponte do Uíma (em Crestuma) está há séculos encantada e submersa uma grade de ouro. Segundo a antiqüíssima tradição, o encantamento só pode ser quebrado por um lavrador que tenha uma vaca que dê à luz dois touros de um só ventre em nome de S. João e que deixe os bezeros mamarem o leite todo. De acordo com os ditames desta crença, o lavrador não pode aproveitar-se do leite da vaca, seja a que título for. Se o lavrador der cumprimento à prescrição, passado um ano, pode dirigir-se com os tourinhos já criados e jungidos, à meia-noite, onde aparecerá à tona de água a grade de ouro para lhes apor.

Ora há tempos atrás, aconteceu que um lavrador de Sá, dono de uma vaca, preencheu os requisitos exigidos, uma vez que numa noite de S. João a sua vaca pariu dois touros de uma só vez. Andava feliz e desejoso de desencantar, daí a um ano, a famosa grade do rio Uíma. Passado o tempo necessário, dirigiu-se com os bezeros ao local determinado pela tradição. E era meia-noite, quando a grade subiu à tona, ficando a boiar nas águas mansas. Exultando de alegria, tirou-a debaixo da ponte, ligando-a ao tamão. De volta a casa, ia satisfeito por ter conseguido apoderar-se do tesouro que, falando sozinho, exclamou:

- Ela, com Deus cá vai!...

E espantado ouviu no silêncio da noite, responder-lhe a grade:

- O pior foi o leite que tiraste e deitaste pelo lombo da vaca! Antes que se desse bem conta da realidade de tudo aquilo, viu a grade desaparecer subitamente. Com efeito, certo dia, o homem esquecera-se do requisito da lenda e mungiu a vaca. A meio da operação, porém, deu pelo erro que estava cometendo e deitou pelo lombo abaixo da vaca o leite que tinha tirado. Assim perdeu a grade de ouro, mercê daquela sua desatenção. E não consta que outro lavrador se tenha alguma vez candidatado ao desencantamento da grade da ponte do rio Uíma." (Costa, 2000)

Lenda da Mina dos Castelos (Crestuma, Vila Nova de Gaia)

"O povo sonoriza, muitas vezes, a voz de Deus, e o povo fala e crê na existência de uma mina que, em recuados tempos, ligaria o Castelo da Feira (ao castelo de Crestuma). O povo crê na existência dessa lenda e tem uma certa razão. Na verdade, se dermos fortes pancadas na coroa de um outeiro onde teria existido o castelo (de Crestuma), ouvimos indistinta ressonância subterrânea e, ficamos com a impressão de haver grande vácuo no ventre daquele rochoso relevo. O povo vai mais longe na sua crença. Nós ficamos por aqui e, convictos que esta ruína nunca passou pela ingénua fantasia dos seus crentes ou das proximidades da Fonte Velha.

1800 a 1810. A data é imprecisa. Tarde quente do oitavo mês de um desses anos. Sorrisos nos lábios e vistosas bandeiras à volta da igreja flutuando ao vento. Véspera de romaria na aldeia. No rio, corpos nus tomam banho na frescura das águas. Os mais ousados nadadores aproximam-se do castelo, e mergulhando, buscam peixes, nas luras da margem, eriçada de pedras lodosas e de grossas raízes dos salgueiros. Vão de mãos abertas e voltam apressadamente com elas cheias de barbos e de enguias apanhados, de surpresa, no seu próprio leite. O cabaz, comum, vai-se enchendo. Esta pesca é arriscada e cheia de imprevistos, mas rendosa e alegre quando praticada por desporto de natação. Decorrido algum tempo, nota-se a falta de um mergulhador. Chama-se por ele, procura-se, mergulha-se, grita-se e, por fim, corta-se, desesperadamente, a água em direcção ao mar, na desoladora esperança de se encontrar ao menos o cadáver. Nada. Todas as pesquisas são inúteis. A notícia do afogamento corre veloz, deixando atrás de si espanto e tristeza. Desse homem, em pleno fulgor da vida – 23 a 24 anos – está ali apenas a roupa que é levada à família. No adro, as bandeiras, penduradas nos apumados mastros parecem compreender a dor do povo e a projectada romaria transforma-se em comoventes preces à Virgem pelo desaparecido.

Neste doloroso momento, cena bem diferente se passava nas entranhas, profundas e misteriosas, da colina onde há mais de 1000 devia ter dominado o medievo castelo de Crestuma. Estava-se num desses períodos, dias de lua cheia ou lua nova em que as marés vivas atingem o seu mais alto nível. Era grande o volume de águas e o nadador, mergulhando mais fundo, procurava, de pálpebras cerradas, localizar cavidades próximas do leito do rio, onde abundante peixe estava refugiado. De repente, sente a cabeça, descoberta, e abrindo os olhos, julga-se completamente cego pela absoluta falta de claridade à superfície

da água. Lava os olhos, exercita-os e a escuridão mantém-se. Grita pelos companheiros e nenhum deles responde por não terem sido captados os seus gritos. Equilibra-se melhor na água, sem corrente, e sobe, com dificuldade, pelo terreno que lhe parecia descoberto, embora lodoso e inconsciente.

Volta a gritar pelos companheiros e observa, então que os seus gritos percorrem espaço muito limitado, depressa, voltando para junto de si. Compreende, nesse momento, que não deve estar na margem do rio, onde a luz cria e tonifica a vegetação, mas numa grande cavidade subterrânea que lhe era completamente desconhecida. Perdendo a orientação, tacteia as paredes de nuas pedras pontiagudas, e encontra larga abertura que percorre por entre desconhecidos obstáculos que os pés e as mãos vão encontrando. Um pouco mais adiante começa a ver uma confusa claridade, de inconstante intensidade, que lhe parece emitida por milhares de pirilampos simetricamente dispostos na irregularidade daquelas sórdidas e húmidas paredes, e estremece, cheio de medo, ao surgir-lhe na ideia a história, alguma vez ouvida à lareira, da mina de ligação entre o Castelo de Crestuma e o Castelo da Feira. Na estranha fosforescência daquela luz e nos pedregulhos que ela iluminava, via ele, defendido, o diabólico tesouro da lenda, outrora ali escondido pelos últimos aguerrilhados habitantes do castelo. Recua, aterrado, procurando fugir daquela gotejante caverna, não conseguindo encontrar a abertura por onde tinha entrado.

Grita de novo pelos companheiros que não o ouvem e os gritos dos seus gritos mais o assustam. Alucinado, e empunhando uma a uma pedras soltas que as vigorosas mãos vão encontrando, tenta, com desesperado ímpeto, abrir fendas na sólida contextura daquelas paredes escuras. Apenas consegue esgotar as suas nascentes energias e, por fim, cair, exausto, no piso empapado do seu covil. O silêncio era absoluto. Não ouvia os aflitos gritos dos companheiros quando deram pela sua falta, não ouvia o murmúrio das águas de onde tinha emergido, nem o ramalhar dos choupos presos à terra gomosa do rio. Do mundo que deixara não chegava ali nem o mais ligeiro sinal de vida. O tempo ia andando sem pressa, e o herói desta lenda, meio inconsciente, julgando sonhar e não viver aquela inesperada e incompreensível tragédia, parecia aguardar, religiosamente e conformado, que a fome ou os répteis repelentes lhe extinguissem a vida, para a Morte, por certo, não ousava entrar naquele ignorado ossuário de pedras disformes e lamacentas. O nível das águas descia, diariamente, cerca de 60 cm e ao terceiro dia penetrou, naquela maldita furna, um furtivo raio de luz projectado por distante espelho líquido. Não era a funda abertura por onde tinha entrado, mas um irregular orifício por cima dela, indicando de que lado ficava o rio. Prostado, moral e fisicamente, por indeterminadas horas de sofrimento, da fome e de constante luta com viscosos amarelejos que o mordiam, nem sequer pode sentir ébria alegria de ver, nesse pequeno raio luminoso, a perdida esperança de retorno à vida. Sem pensar no seu estado de fraqueza e no seu esforço que teria de fazer para romper do fundo à superfície das águas e alcançar a terra, deixou-se instintivamente escorregar pela rampa que agora lhe parecia ter subido e foi depois encontrado, nú, ensaguentado e inanimado, sobre um esfarrapado e sujo lençol de areia. Alguns anos depois deste discutido acontecimento, foram encontrados alguns habitantes desta povoação – muitos

deles ainda vivos – em ocultas escavações numa das depressões do monte, onde se calculava estar o tesouro ou passar a mina a menor profundidade.” (Costa, 2000)

Lenda de Mourães e um rei mouro (Lever, Vila Nova de Gaia)

“Santo André de Lever fica na linha do filão aurífero mais importante da Península. Peritos na pesquisa do ouro, logo os mouros se entusiasmaram pelas águas do rio Uíma e zonas circunvizinhas. E tal foi a fama das suas riquezas em ouro que um dos últimos reis mouros da Península se deslocou propositadamente às serras circunvizinhas do referido rio e aí dirigiu as pesquisas durante largo tempo, tendo fundado uma pequena povoação a que se chamou Mourães em honra da sua estada no local. Ainda hoje esse lugar é dos mais antigos de Lever, perdendo-se no tempo o seu aparecimento.” (Barros e Costa, 2003)

Reis D. Sancho I e D. Fernando: batalha entre irmãos (Lever, Vila Nova de Gaia)

*Mantém-se na tradição popular histórias de reis que andaram por estas paragens a combater os mouros: D. Fernando, irmão de D. Sancho I, encontra-se sepultado no Mosteiro de Grijó – como lá chegou?
“Andava D. Sancho I ocupado na pacificação completa do seu reino e partiu com o exército do Castelo da Vila da Feira numa bela manhã de Primavera. Pequenos grupos de mouros, desligados do lado das colunas mouriscas, tinham-se refugiado junto ao rio, aqui nas terras de Santo André de Lever. D. Sancho I foi informado do facto e para aqui se dirigiu com uma parte das suas hostes, tendo outra parte ficado em Caldas de São Jorge para cobrir a sua rearguarda. Após renhida mas curta refrega, D. Sancho I levou de vencido o grupo muçulmano, mas na escaramuça seu irmão D. Fernando foi gravemente ferido. Transportado para o Mosteiro de Grijó que gozava de grande fama, no ramo da ciência médica na altura, viria a sucumbir à vista do próprio mosteiro, tendo sido lá sepultado.” (Barros e Costa, 2003).*

Romaria da Nossa Senhora das Necessidades em Nadais (Escapães, Santa Maria da Feira)

“Celebrou-se há dias a tradicional festividade de Nossa Senhora das Necessidades, no pitoresco lugar de Nadais (Escapães). Romaria antiquíssima, cuja origem continua a estar coberta pela poeira do tempo (...). Sabe-se, ou julga-se saber que a capela situada na encosta nascente do Monte de Meia-Léguas, entre o rio Uíma que nasce em Duas Igrejas, numa propriedade denominada Fintuma, corruptela de Fonte do Uíma e a antiga estrada romana, a que se reporta o historiador Antonino, foi mandada fazer pelos frades Cruzios do Mosteiro de Grijó, em meados do séc. XIV. Julgo que ainda conheci a capela primitiva: uma capela de dimensões acanhadas e encabeçada por uma desgraciosa galilé. Com o andar dos tempos a galilé foi suprimida e a capela aumentada. A imagem de Nossa Senhora das Necessidades

de algum , não muito, valor artístico presume-se ser obra da Escola Portuense do final do séc. XVII. A romaria, celebrada sempre no primeiro domingo a seguir ao dia de Santo António, foi, nos últimos séculos, a mais frequentada da região, principalmente por forasteiros da Beira-mar, que em animadas e contínuas rusgas, onde predominavam as violas e os tambores, atravessavam a Vila da Feira ao romper do dia, alvoroçando alegremente os seus habitantes, como que a convidá-los a engrossar os seus cortejos na escalada do Monte da Meia-Léguas. Finda a missa da festa, à qual os vareiros assistiam devotamente, e depois de tomarem parte na procissão e cumpridas as promessas, encetava-se a marcha de regresso que iria ter uma longa "estação" no Largo do Rossio, na Vila da Feira. Então ali é que era festa rija: bem dançada, bem comida e bem bebida... Havia mesmo muitos vareiros que não passavam da Vila da Feira. A festa era toda ali. Estou certo que muitos feirenses ainda recordam com saudade este dia festivo. Com a retirada do povo da beira-mar do arraial de Nadais, dava-se por encerrada a primeira parte da festa. A meio da tarde, iniciava-se a segunda parte, com a chegada dos devotos das freguesias vizinhas, principalmente da Arrifana e São João da Madeira que, a pé ou de burro ou de carruagem, transportando merendeiros bem sortidos, invadiam, em paz e alegria, entrando de roldão, o Carvalhal da Casa do Pinheiro, onde os esperavam as bojudas pipas de vinho, encanteiradas nos chedeiros dos carros de bois. E assim se estabeleciam arraiais paralelos em duas frentes: na Vila da Feira e em Nadais. Ao findar da tarde, quando todos começavam a ficar "grossos e tropeços" e depois de compradas as cerejas da praxe, pois esta romaria sempre foi e é conhecida pela festa das cerejas, lá se iam arrastando, sabe Deus como, até às suas terras, com a promessa feita de voltarem para o ano. Não ficaria porém, completa esta despreziosa narrativa se não trouxesse, aqui e agora, à colação uma faceta bem vincada das nossas antigas romarias, felizmente caída em desuso, no primeiro quartel do séc. XX: reporto-me às cenas de pancadaria com que, geralmente, se selavam de sangue as nossas romarias. A festa de Nadais, neste capítulo, estava na vanguarda: no geral, o festim começava na festa da Senhora da Hora, em Souto Redondo, e terminava com as contas em Nadais, onde não faltavam braços partidos e cabeças rachadas. No final da "batalha", o Ti Firmino corria a casa a apor os bois e, acondicionados os feridos dentro da caniça, lá os ia levar à botica de Arrifana, onde o velho boticário, o senhor Santos, depois de "regar" os ferimentos com tintura de arnica, fazia as coseduras e empanamentos do costume. Se porventura havia quebradelas, o mesmo carro lá seguia, na segunda-feira de madrugada, para o "endireita" de Cesar, o senhor Isaías, que lá nisso, tinha umas "mãos abençoadas" e às segundas-feiras nunca saía de casa, porque já sabia que a freguesia ia apertar. É curioso lembrar que, em 1933, no final da festa de Nadais, me dizia um dos irmãos Motas, creio que o Quintino: as festas, agora, não prestam; dantes é que se faziam aqui grandes festas; houve um ano em que se rachou uma dúzia de cabeças... e o mundo continua e a Festa da Nossa Senhora das Necessidades também, com certeza em moldes mais humanos e cristãos." (Alferes, 2006)

Existem vários **moinhos ao longo do curso do rio Uíma**, mas eles eram particularmente importantes na freguesia de **Sandim**, em Vila Nova de Gaia, onde constituíram um factor de desenvolvimento económico e social da freguesia. De origem antiquíssima, as primeiras referências datam de 1671, do inventário dos bens do Mosteiro de Vila Cova das Donas que possuía 29 moinhos e 2 pisões. Aproximadamente um século depois, em 1758, o Abade Pimentel Pereira refere nas suas informações que "*Sandim tem muitos moinhos e 3 pisões*". Num inventário mais recente, **nos rios Uíma e Ribeira de Candeeira** estão identificados **30 moinhos**, a maioria dos quais completamente em ruínas ou até em vias de desaparecimento definitivo. Os moinhos de Sandim são **moinhos de rodizio**, embora a toponímia também aponte para a existência de **azenhas**. Os moinhos de rodizio são os mais arcaicos e a sua invenção é atribuída aos romanos. Em Sandim, nas margens do rio Uíma, existia uma verdadeira indústria de moagem de cereais, essencialmente milho, nos inúmeros moinhos aí existentes. Ainda restam 5 moinhos (Gassamar, Chão de Moinhos, Santa Marinha, Retorta e Arroteias), de rodizio, em funcionamento. O roteiro dos moinhos de Sandim faz parte da história colectiva da freguesia, proposto pela Junta de Freguesia de Sandim, inclui o seguinte percurso (www.jf-sandim.pt):

*"Abandone o seu automóvel no Largo do Mosteiro e comece um revigorante passeio. Ligeiramente retirado para Sul encontra o que resta do **Mosteiro de Vila Cova das Donas**. Este Mosteiro foi o principal pólo de povoamento desta região após a reconquista cristã por volta do séc. XI. Do mosteiro beneditino, apenas resta a capela-mor hoje transformada em humilde capela. Por detrás da capela, nasce um caminho público, o qual, um pouco mais à frente, acompanha uma linha de água, sempre junto ao muro, até à Rua dos Fornos. É um bonito trecho pelo meio dos campos, alguns ainda em uso. Perto está a Escola Primária de São onde os professores e seus alunos trabalham uma **horta com culturas tradicionais** (por ex. linho e milho) e recuperaram um **espigueiro** e uma **eira**. Da Rua dos Fornos siga para a Rua das Arroteias, atravessando a EN222 junto à antiga escola transformada em santuário de cultura popular. Esta descida para o rio já possibilita um primeiro contacto com a fauna e flora, com a paisagem a mudar radicalmente. Ao fundo, na zona das Arroteias, depara com um **enorme moinho** compreendendo **10 rodizios** bastante arruinados que está situado num belo local... Seguindo na direcção da nascente do rio, ao longo do canal, logo a seguir a um açude, avistará na margem oposta um outro moinho com as mesmas dimensões do anterior, também em estado decrépito. Aqui observe os castanheiros, carvalhos, sobreiros, pereiras bravas e os introduzidos eucaliptos e acácias (austrálias), e pode ouvir, misturado com o suave marulhar do rio, o alegre chilrear da passarada. Em tempos, este rio Uíma era afamado pelas suas trutas e bogas. A poluição levou tudo. À falta de melhor imagine-as saltando o açude ou abocanhando um insecto incauto. Seguindo até à ponte de madeira pode cruzar o rio para observar de perto o **Moinho de Gassamar**, uma dessas relíquias, esta ainda em actividade, assim como o canal tributário com o seu belo conjunto de pontezinhas em pedra. De regresso à ponte tem-se*

*em frente um caminho a subir que conduz, a cinquenta metros, à **Fonte das Arroteias**, uma boa e procurada água. O percurso segue então pelo caminho da esquerda na ponte.*

*Mergulha num belo bosque desembocando, mais à frente, num caminho carreteiro que o conduz a uma ponte, a **Ponte de Carro**. Este caminho seria a antiga estrada Porto-Viseu provavelmente de origem romana. Ao lado situa-se o hipódromo de Sandim. Logo em seguida encontra outro moinho, o **Moinho da Ribeira**, desactivado, com as suas mós encostadas à parede.*

*Ao chegar à estrada continue o percurso paralelamente ao rio até à **Ponte de Sá**, onde avulta a antiga fábrica de papel. Desfrute da beleza, bucolismo e calma que se desprendem do local antes de seguir em frente, pela estrada, até à casa da curva onde deve pedir ao sr. Manuel Príncipe que lhe faculte a visita ao seu conjunto de três moinhos.*

*Na casa contígua mora o sr. José Ramos, conhecido por sr. Batista, que mantém com um carinho vigilante o seu moinho e canal em perfeitas condições de funcionamento. Este local, **Chão de Moinhos**, espicaça-nos a imaginação Quase que se vê o valente moço da lenda trabalhando arduamente para resgatar a princesa moura à sua triste condição. Continuando pela estrada e cruzando mais uma vez o Rio Uíma, sobe-se, tomando logo à direita um caminho entre muros. Mas antes é obrigatório um desvio de uma vintena de metros para espreitar "**O Engenho**", uma antiga fábrica de papel, cuja força motriz foi a água do rio e onde se produziu o primeiro papel selado do nosso país, vai para duzentos anos.*

*Essa fábrica, com dois moinhos e uma ponte, em propriedade privada, fazem um magnífico conjunto. Seguindo pelo caminho já descrito, vai em direcção a Mourile (como dizem na região) ou Mourilhe (como está registado na carta militar) por um caminho que vai passar junto de outra afamada fonte, a **Fonte de Mourile**. Chegando à Rua das Cavadinhas, recentemente alcatroada, encontra pouco mais adiante a estrada para Sanguedo que provém do Largo do Mosteiro, local de onde partiu há algum tempo..." (ver mapa na Iconografia).*

Há a subsistência de alguns trechos de **calçada romana** nas imediações de **Monte Redondo**, correspondendo ao antigo troço entre **Porto** (CALE) e **Fiães** (LANCOBRIGA). Um deles é apontado junto ao lugar de **Ferradal** (Silva *et al.*, 2000). Existe conhecimento sobre uma **via romana secundária** entre Porto – São Pedro do Sul – Viseu, atravessando a serra de Arouca, continuando por Manhouce e S. Pedro do Sul. O percurso inicial poderia aproveitar a via Porto (CALE) - Lisboa (OLISIPO) até Fiães (LANCOBRIGA) e aí desviar para o interior. De Fiães, seguiria para Sanguedo pela EM521, atravessando o rio Uíma na Ponte da Tabuaça até entroncar na EN326. Depois seguiria em direcção a Louredo, saindo pela EN326 e logo a seguir virando à direita, sobe a Vila Seca. Em Lagoas, reencontra a EN326, em direcção a Cedofeita (Romariz), onde tornaria a sair da EN326 antes da Póvoa e descia pela Rua Romana até a uma hipotética ponte romana sobre o rio Inha, em Santa Ovaia. Subiria pela Rua da Ponte até entroncar na EN326, nas proximidades do castro de Romariz, rumando a Cabeçais (Fermado). A

estrada romana desembocaria novamente na EN326, seguindo para Escariz, até a um desvio à direita para a serra da Abelheira. Daqui seguiria pela EM519, em direcção a Arouca (viasromanas.planetaclix.pt). O Itinerário de Antonino refere que na estrada romana que ligava Olissipo (Lisboa) a *Bracara Augusta* (Braga) encontrava-se *Lancobriga* a 18 milhas de *Talabriga* (Branca) e a 13 milhas de *Cale* (Gaia), distâncias que correspondem à localização de Fiães, onde ainda hoje se pode vislumbrar restos do pavimento dessa via no lugar de Ferradal (Silva *et al.*, 2000).

Por fim, é importante referir que a Junta de Freguesia de Caldas de São Jorge tem um projecto para a implantação de **passeios pedonais** nas margens do rio Uíma (www.jf-caldasdesaojorge.pt). A Junta de Freguesia de Fiães prevê a despoluição e requalificação das margens do rio Uíma, com a construção de uma **zona pedonal e ciclovia** (www.ciberjunta.com/fiaes.html).

Património Natural

Em tempos, a fauna piscícola no rio Uíma era mais abundante que a do Febros (Almeida, 1990). Nele, abundavam **trutas** (*Salmo trutta*), **bogas-do-rio** (*Chondrostoma polylepsi*) e **bogas-do-Douro** (*Chondrostoma polylepis duriensis*). A fauna piscícola é idêntica ao rio Febros, em outras espécies como **barbo** (*Barbus barbus*), **barbo-do-norte** (*Barbus bocagei*), **escalo** (*Leuciscus cephalus cabeda*), **góbio** (*Gobio gobio*), **pimpão** (*Carassius carassius*) e **enguia** (*Anguilla anguilla*).

A **lontra** (*Lutra lutra*) tinha presença bem conhecida nas águas do rio Uíma, especialmente junto às Termas das Caldas de São Jorge, por entre a frondosa vegetação e nas águas do Uíma, onde têm sido de novo avistadas depois de um longo período (Jornal de Notícias de 5 de Junho de 2006). A destruição da vegetação ripícola - nomeadamente associada a acções de limpeza, extracção de inertes e aumento das áreas agricultadas - reduz as condições de abrigo das lontras nas margens, alimentação e segurança.

Em relação às aves, registaram-se na bacia do rio Uíma **pardais** (*Passer domesticus*) e **rolas** (*S. turtur*), entre outras (www.50espacos.campoaberto.pt). Foi constituída uma Zona de Caça Municipal nos terrenos da freguesia de Lever, do concelho de Vila Nova de Gaia para a **perdiz-vermelha** (*Alectoris rufa*), o **coelho-bravo** (*Oryctolagus cuniculus*) e **javali** (*Sus scrofa*).

Relativamente a **répteis e anfíbios**, foram encontrados no Rio Uíma espécies como o **tritão-marmorado** (*Triturus marmoratus*), **tritão-de-ventre-laranja** (*Lissotriton boscai*), **salamandra-de-pintas-amarelas** (*Salamandra salamandra*), **rã-ibérica** (*Rana iberica*), **salamandra-lusitânica** (*Chioglossa lusitanica*),

sapo-comum (*Bufo bufo*), cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*), fura-pastos (*Chalcides striatus*), licranço (*Anguis fragilis*), lagarto-de-água (*Lacerta shreiberi*), lagartixa-do-mato (*Psammotromus algirus*) e lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*) (Almeida, 1990). A rã-ibérica, o tritão-de-ventre-laranja, a salamandra-lusitânica e o lagarto-de-água são endêmicas da Península Ibérica, logo têm grande importância de conservação.

No rio Uíma, os fundos dos vales e as encostas mais suaves são ocupadas por uma agricultura baseada nas culturas do milho, feijão e pastagens, em associação com a cultura da batata e da vinha a marginalizar os campos. A mata primitiva de carvalhos (*Quercus robur*), castanheiros (*Castanea sativa*) e sobreiros (*Quercus suber*), que no passado ocupava grandes extensões na bacia do Uíma, cedeu o lugar aos pinhais (*Pinus pinaster*) e eucaliptais (*Eucalyptus globulus*) associados a um sub-bosque de urze (*Erica arborea*), tojo (*Ulex europaeus*), giesta (*Cytisus striatus*) e fetos (*Pteridium aquilinum*). Apenas a bordejar o Uíma, ainda se podem ver alguns choupos (*Populus nigra*), amieiros (*Alnus glutinosa*) e salgueiros (*Salix atrocinerea*) (Coelho, 1990).

Em Crestuma e Lever, percorrendo por entre vales, pinheirais e terras chãs, o rio Uíma atinge os terrenos alcantilados que caem sobre as suas margens. São terrenos e aldeias em socacos, formando autênticos anfiteatros sobre o rio, cujas margens se revestem de densos bosques de eucalipto e pinheiro-bravo. O coberto vegetal não é contínuo, sendo mais extenso na margem esquerda, até ao aparecimento de pequenas plantações agrícolas, do que na margem direita. A comunidade arbórea é dominada por choupos (*Populus spp.*), freixos (*Fraxinus spp.*), salgueiros (*Salix spp.*) e amieiros (*Alnus glutinosa*). Ocorrem também eucaliptos (*Eucalyptus globulus*) principalmente na zona superior da vertente esquerda. Menos abundantes são (*Prunus spp.*), figueiras (*Ficus spp.*) e pinheiros bravos (*Pinus pinaster*), mimosas (*Acacia dealbata*). Existem algumas árvores de fruto dispersas, nomeadamente limoeiros e laranjeiras. No coberto herbáceo e arbustivo, a flora é dominada por silvas (*Rubus fruticosus agg.*), trevos (*Trifolium sp.*), heras (*Hedera helix*), feto comum (*Pteridium aquilinum*) e urtigas (*Urtica dioica*). Ocasionalmente ocorre tojo (*Ulex spp.*) e giestas. No leito do rio ocorrem pontualmente jacintos-de-água (*Hyacinthus sp.*) (www.50espacos.campoaberto.pt).

Em Canedo, o coberto florestal é intenso nas margens do rio Uíma, sucedendo-se as matas de eucaliptal e pinhal pontuadas, por uma frondosa vegetação ripícola à base de amieiros, salgueiros, freixos e algumas intrusivas austrálias (*Acacia melanoxylon*) e acácias-mimosas (*Acacia dealbata*). Em Sanguedo, a topografia variada, com alguns acidentes naturais mais destacados, como seja o chamado Monte de S. Bartolomeu, junto aos limites com Vila Nova de Gaia. Na sua vertente Sul, esta elevação surge parcialmente contornada, ao fundo de um encaixado vale, pelo rio Uíma.

Em Vila Maior, o rio Uíma assenta numa zona relativamente montanhosa e acidentada, registando uma altitude média superior a 150 metros e marcada por diversos outeiros, quase sempre densamente arborizados e mais ou menos destacados. O ribeiro das Capelas, pequeno curso de água que a atravessa, será responsável pelas melhores terras agrícolas, alinhadas ao longo da sua zona ribeirinha. Ali se descortinarão ainda alguns restos de arruinados moinhos, responsáveis outrora por uma pequena indústria local de moagem, em moldes tradicionais de ancestral origem (Silva *et al.*, 2000).

Nas Caldas de São Jorge, os castanheiros, os carvalhos e os sobreiros tem vindo a desaparecer e a dar lugar a plantações de pinheiro-bravo e eucalipto, invadidas por austrálias e mimosas. Nos pomares, existem bastantes cerejeiras (*Prunus avium*) e noqueiras (*Juglans regia*) (www.jf-caldasdesaojorge.pt).

Atravessando o vale de Fiães e Lobão numa pequena depressão entre as duas freguesias pela EN326, a cerca de 120 m de altitude, o rio Uíma corre em trechos de viçosa e úbere paisagem agrícola. Bastante rica, outrora, em solos de óptimas aptidões agrícolas, o coberto florestal limita-se a escassos e muito reduzidos trechos de pinhal e eucalipto, especialmente concentrados na zona ocidental. O enquadramento agrícola e habitacional, com casas de arquitectura erudita e casas de lavoura com espigueiros, extensos campos de milho (*Zea mays*), plantações de vinha (*Vitis vinifera*) e produção de hortícolas é típico na paisagem. O rio Uíma apresenta sobre este vale uma galeria ripícola bem conformada e densa associada a mata ripícola onde predomina o carvalho-roble (*Quercus robur*). De destacar ainda a existência de zonas pantanosas, densamente eutrofizadas, com águas estagnadas do rio, que possivelmente terá constituído anteriormente uma zona agrícola que terá sido abandonada. A galeria ripícola é composta por amieiro (*Alnus glutinosa*), carvalho-roble (*Quercus robur*) e salgueiro-negro (*Salix atrocinerea*) (ver ortofotomapas na Iconografia). Outra característica marcante na orografia local consiste na série de pequenos outeiros que se vão alinhando de Norte para Sul, bem pelo interior da freguesia de Fiães.

Equipamentos

O Parque de Lazer de Várzea (Pigeiros, Santa Maria da Feira) localiza-se numa zona de encosta sobre o rio Uíma, estabelecendo-se à cota de 170 m de altitude, numa superfície com pendente muito suave. O Parque de Lazer da Várzea encontra-se dividido em duas partes pelo atravessamento de uma estrada municipal com ligação à EN1. Na primeira zona a montante do rio, o acesso ao parque faz-se próximo das instalações de um bar/esplanada, adossado ao qual existe ainda um anfiteatro ao ar livre. É um espaço relvado com pontuações de árvores maioritariamente ripícolas, especialmente na proximidade da linha de água, atravessado por um caminho em calçada portuguesa que atravessa o parque

longitudinalmente. Existem mesas e bancos, em granito, para merendas e uma ponte, em betão, que permite o atravessamento do rio, onde uma represa criou um espelho de água que, segundo indicam as escadas existentes para o rio, pode ser utilizada no Verão como local de banho (www.roteirodaagua.com). A segunda área, a jusante, mantém o carácter ripícola da primeira, adicionando-lhe um parque infantil e um parque de estacionamento informal. Destaca-se a existência de uma azenha em ruína, e na proximidade desta, uma ponte em madeira (www.cm-feira.pt). A galeria ripícola, a jusante e a montante, é composta por amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiro-negro (*Salix atrocinerea*), plátanos (*Platanus orientalis var acerifolia*) e carvalho-roble (*Quercus robur*).

O **Parque e Termas das Caldas de São Jorge (Caldas de São Jorge, Santa Maria da Feira)** localizam-se no lugar da Sé, nas margens do rio Uíma. A primeira cura termal efectuada em Caldas de São Jorge data de 1787. Contudo, o topónimo primitivo da freguesia, *Caldelas*, surge mencionado em documentação referente ao ano de 1097. Esta circunstância indicia que a descoberta da nascente termal talvez tenha ocorrido em tempos bem remotos, provavelmente durante o período de dominação romana da Península Ibérica. Reza a história que, em meados de 1787, um criado do Padre Inácio da Cunha, sofrendo de uma ferida crónica de origem varicosa, curou-a ao banhar-se regularmente *"numas águas mal cheirosas que borbulhavam junto ao ribeiro do Passal"*. *"Conhecedor do efeito milagroso destas águas, o referido Padre decidiu construir, a expensas próprias uma fonte e uns barracos em madeira, com tanques de lousa, dando assim início à actividade termal."* (Silva et al., 2000).

Mas foram ainda necessários alguns anos para que, de facto, nascesse em Caldas de São Jorge um balneário termal. A construção deste equipamento só obteve assentimento governamental em 1805, durante o reinado de D. João VI (1767-1826). No seguimento de uma petição apresentada ao governo de então, foi autorizado o desvio do rio Uíma, a compra de terrenos de propriedade privada e a edificação de um balneário termal. Para financiar a obra, as autoridades impuseram a cobrança de um real por cada quartilho de vinho vendido na vara do juiz de fora da comarca da Feira (www.jf-caldasdesaojorge.pt).

A primeira análise físico-química das águas das Termas de S.Jorge foi apresentada em 1890, perante a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, pelo Dr. António Ferreira Pinto da Motta, a quem se deve a única monografia conhecida das Termas de São Jorge. Após a conclusão do novo edifício termal em 1892 pela Câmara Municipal da Feira, é-lhe atribuída a concessão das Termas de São Jorge por tempo indeterminado em alvará régio de Maio de 1895. Esta concessão é mais tarde confirmada pela portaria de 7 de Abril de 1917. Após várias obras de ampliação e remodelação do balneário em 1998, as Caldas de S.Jorge iniciam um novo capítulo na sua história. A Câmara Municipal, em parceria com as entidades ligadas ao turismo do concelho, constitui a Sociedade de Turismo de Santa Maria da Feira, S.A. - uma sociedade de capitais mistos, onde detém 50% do capital social - a quem entregou a gestão do balneário

termal. Aliando a tradição termal à modernidade, um audacioso projecto de remodelação e ampliação, renovou em 2003 um edifício com história e dotou de novas e modernas instalações, equipamentos e serviços (www.jf-caldasdesaojorge.pt).

As **águas minerais das Termas de São Jorge** são captadas numa única nascente, a 90 metros de profundidade, e apresentam uma temperatura natural de 23°. Apesar de incluídas no vasto grupo das **águas sulfuradas**, revelam propriedades microbiológicas e químicas distintivas e bastante estáveis. São precisamente essas propriedades que tornam as águas das Caldas de São Jorge indicadas para o **tratamento de doenças reumáticas e músculo-esqueléticas, doenças crónicas e alérgicas das vias respiratórias e doenças crónicas e alérgicas de pele**. As águas sulfurosas têm a seguinte composição química: pH a 23°C: 8,55, resíduo seco a 180°C de 637,2 mg/L, alcalinidade total em HCl N/10/L: 33,9 e Sulfuração total em IN/100/L: 61,6 mL. As termas de São Jorge têm três épocas anuais de tratamentos: época baixa (11 de Fevereiro a 30 de Abril/ 16 de Outubro a 13 de Dezembro), época média (1 de Maio a 30 de Junho) e época alta (1 de Julho a 15 de Outubro) (www.termas-sjorge.com).

O acesso ao parque realiza-se por uma estrada em cubo de granito, de sentido único, que circunda o edifício das termas. Existem lugares de estacionamento em linha, contíguo aos quais se encontra uma pérgula com uma glicínea, que no extremo poente possui uma fonte em azulejo azul, com a figura de São Jorge. A água é própria para consumo. A pérgula serve de separador para um patamar inferior nas margens do rio Uíma. Em frente ao edifício das termas, situa-se um parque com canteiros relvados onde assentam pontuações de plátanos (*Platanus orientalis var. acerifolia*), e a Norte, sebes podadas de euonyumus e agapantos. Em redor dos canteiros, existem caminhos, onde se encontram bancos de madeira, papeleiras e candeeiros. No centro, encontra-se um parque infantil. A Este, desenvolve-se com declive acentuado um outro espaço ajardinado com bancos à sombra de árvores e arbustos. De apoio ao edifício das termas, a Oeste, encontra-se um parque de estacionamento ornamentado com jardim composto por relvado, arbustivas e arbóreas (prunos, magnólias), e adjacente ao edifício, pequenos jardins com sebes podadas, de agapantos, juniperos e pequenos pátios.

No patamar inferior, a Sul-Sudeste, encontra-se um espaço que se desenvolve contíguo às margens do rio Uíma, um bar com esplanada e sanitários. Encontram-se pontuações de palmeiras, tulipeiros, magnólias, salgueiro-chorão, enquanto as margens da linha de água estão revestidas com hortênsias. Existe uma ilha no centro da linha de água, onde se encontra um cais para aluguer de “gaivotas” e ao centro um estabelecimento de bar abandonado envolvido por um espaço ajardinado com terreiro onde assentam choupos-de-Itália (*Populus nigra italica*), plátanos (*Platanus x acerifolia*), salgueiros-chorão (*Salix babylonica*), amieiros (*Alnus glutinosa*), carvalho-alvarinho (*Quercus rubra*), camélia (*Camellia japonica*), palmeiras e presença de mobiliário urbano. A ligação destes dois espaços realiza-se através de

uma ponte em ferro. A NE deste espaço, existe um largo com parque de estacionamento, onde se encontra um coreto de ferro e delimitado por alinhamentos de oliveiras (*Olea europaea*) e plátanos, com vista sobre o rio Uíma. Encontra-se também uma represa e contíguo um espaço relvado com bordo (*Acer negundo*) e um pequeno parque de merendas com duas mesas e bancos em betão. Aqui o rio corre acompanhado de uma galeria ripícola formada por amieiros e acompanhada de carvalhos. Atravessando para a margem para sul, encontra-se um espaço relvado, utilizado para campo de jogos e um espaço baldio, que se encontram marginados por um talude, onde se desenvolve uma mata com predominância de carvalhos-alvarinho em regeneração, encontrando-se também sabugueiros (*Sambucus nigra*) e austrálias (*Acacia melanoxylon*) nas margens. Para Sudoeste, existe mais um espaço ajardinado, em soalcos, com relvado e plantações arbóreas e aromáticas, com a presença de um grande amieiro junto à ponte. Uma fábrica de carrinhos de criança – **Fabruima** – tem as suas instalações devolutas junto ao Parque das Termas.

O **Parque de Sá (Sandim, Vila Nova de Gaia)** é um apazível local recentemente implantado nas margens do rio Uíma, no lugar de Sá. O parque prolonga-se a montante e a jusante da Ponte de Sá, que liga os lugares de Sá, Gassamar e Chão de Moinhos. É um espaço ajardinado, com alguns canteiros e calçada portuguesa. Podem ali encontrar-se mesas e cadeiras a convidar ao descanso e ao lazer. A montante da ponte, existe uma ponte em arco, em madeira, ligando as duas margens e dando acesso às infraestruturas existentes (sanitários, lavadouro público e churrasqueira). As margens encontram-se bem preservadas, com muros em pedra bordeados por pilaretes com cordas de protecção. Nesta zona do rio, abundam os juncos (*Eleocharis sp.*). No lado a jusante, atravessando a Ponte de Sá, tem-se acesso a outro espaço sobre as margens do rio, também ajardinado e distribuído em dois patamares em altura. No primeiro patamar, pode-se encontrar o Monumento ao Moleiro, em bronze e pedra, que perpetua a tradição dos moleiros da freguesia no Largo de Sá. Descendo pela calçada portuguesa e, seguindo caminho por baixo dos arcos da estrutura em pedra semelhante a um moinho, tem-se acesso ao açude sobre o rio Uíma. Na outra margem defronte, existe a **Casa do Rio**, uma propriedade privada. As margens estão também tratadas com muros em pedra bordeados com pilaretes e cordas de protecção. A galeria ripícola é composta por grandes amieiros (*Alnus glutinosa*) e plátanos (*Platanus x acerifolia*).

A **Associação Cultural Casa da Eira (Sandim, Vila Nova de Gaia)** localiza-se na Rua de Sá, no lugar de S. Miguel-o-Anjo, na estrada de acesso à Ponte de Sá. A Associação Cultural Casa da Eira foi fundada em 18 de Dezembro de 1996, dando continuidade a um trabalho iniciado em 1980 de recolha e investigação das raízes de Sandim. Esta associação visa criar um espaço vivo em constante interacção com o factor humano através da cultura, as artes e as tradições populares. O Grupo Etnográfico de Sandim, vector dinâmico que integra esta Associação Cultural, procura divulgar, por todo o país, como cantavam, dançavam e trajavam os nossos antepassados, bem como as tradições ligadas às fainas

agrícolas, incluindo a recolha e divulgação de cantares populares de carácter religioso (www.casadaeira.pt).

O **Parque das Hortas (Sandim, Vila Nova de Gaia)** localiza-se na Rua Teatro Amador. É um espaço ajardinado, implantado recentemente nas margens do rio Uíma, junto ao Centro Social de Sandim. Estão instaladas algumas mesas e guarda-sóis para uso público. Nas proximidades, existe um moinho abandonado e uma ponte de madeira recente. O local apresenta ainda um parque infantil e um court de ténis, instalado perto de campos agrícolas e explorado pelo Centro Social. A galeria ripícola é constituída por salgueiros-negros (*Sambacus nigra*) e grandes amieiros (*Alnus glutinosa*).

O **Centro Náutico de Crestuma (Crestuma, Vila Nova de Gaia)** tem instalações na margem esquerda do rio Uíma, estando o cais instalado junto às pontes da foz do Uíma numa encosta virada para o Douro.

A **Barragem de Crestuma-Lever (Crestuma/Lever, Vila Nova de Gaia)** é a barragem que se situa mais a jusante do rio Douro no extremo leste do concelho de Vila Nova de Gaia. Edificada sobre o rio Douro entre 1978 e 1985 por ordem da Companhia Portuguesa de Produção de Electricidade, entrou em funcionamento em 1986. A barragem do tipo móvel é constituída por nove pilares de 25,5 metros de altura, nos quais se apoiam oito comportas descarregadoras e uma eclusa de navegação junto à margem esquerda do Douro. A albufeira estende-se por cerca de 44 km e tem uma capacidade de 110 milhões de m³ de água dos quais apenas são utilizáveis 16 milhões de m³. A construção da Barragem de Crestuma-Lever, no rio Douro, contribuiu para uma alteração na parte terminal da bacia do Uíma, em especial na construção de acessos à barragem que entupiram alguns ribeiros, desnudaram algumas vertentes e por outro lado, criaram melhores estradas para Crestuma e Lever (Coelho, 1990). As encostas de Lever e Crestuma são constituídas por uma área de floresta dominada pelo eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e pinheiro-manso (*Pinus pinea*), com a intrusão de acácia-mimososa (*Acacia dealbata*), acácia-de-folhas-longas (*Acácia longifolia*) e sabugueiro (*Sambacus nigra*) também muito comuns (www.50espacos.campoaberto.org).

Acessibilidades

A bacia hidrográfica do rio Uíma é atravessada a jusante pela **EN222**, com acesso à **A1** e **EN1** que liga as freguesias de Sandim, Canedo, Sanguedo, Vila Maior, Lever e Crestuma no sentido poente-nascente dos concelhos de Vila Nova de Gaia e Santa Maria da Feira. A partir desta estrada, ligam-se a **EN532** com acesso a Crestuma, a **EN520** com ligação a Sandim e Canedo, a **EN512** que liga Fiães e Lobão às

Caldas de São Jorge e a **EN513** liga esta freguesia a Pigeiros e a **EN514** que liga Pigeiros a Romariz. A região do vale do rio Uíma não tem acessos ferroviários.

De seguida, descreve-se de forma resumida a **história, cultura e tradições** dos concelhos e freguesias atravessados pelas margens do rio Uíma.

Concelho de Santa Maria da Feira

*"Terras de Santa Maria
Onde chamam Feira,
Onde os caminhos são rotas cruzadas
Que recordam memórias
Dum Castelo de Poder e Proteger...
Terras de vidas sofridas
Por entre os campos de pão
E horizontes longos do viajar,
Terras de tradição
Que se faz festa e encontro
No alívio do muito labutar;
Terras de verde e fartura
Onde a natureza ainda é espaço
Para viver e estar (...)" (Silva et al., 2000)*

Santa Maria da Feira é o concelho mais a montante da bacia hidrográfica do rio Uíma. A cidade com o mesmo nome pertence ao distrito de Aveiro, situa-se na região Norte, subregião de **Entre Douro e Vouga**, com cerca de 12 000 habitantes. É sede de um município com 215 km² de área e cerca de 136 000 habitantes (Censos 2001), subdividido em 31 freguesias e faz parte integrante da Área Metropolitana do Porto, desde Janeiro de 2005. O município é limitado a Norte pelos municípios de Vila Nova de Gaia e de Gondomar, a Este por Arouca, a Sudeste por Oliveira de Azeméis e São João da Madeira, a Sul e a Oeste por Ovar e a Oeste por Espinho. O município de Santa Maria da Feira inclui três cidades (Fiães, Lourosa e Santa Maria da Feira) e diversas vilas (actualmente 13, entre as quais a destacar: Argoncilhe, Arrifana, Lobão, Mozelos, Nogueira da Regedoura, Paços de Brandão, Rio Meão, São João de Vêr, São Miguel do Souto, São Paio de Oleiros e Santa Maria de Lamas). Até à sua elevação a cidade em 14 de Agosto de 1985, era conhecida como Vila da Feira.

O concelho de Santa Maria da Feira destaca-se pela **força histórica do seu passado milenar**. A presença de vestígios de povos proto-históricos, de povos romanos e árabes, as lutas da Reconquista, da fundação da Nacionalidade, as influências intelectuais e sociais dos Frades Lóios, as invasões francesas, as guerras peninsulares, a emigração para o Brasil, a França e a Alemanha e de entre outros acontecimentos históricos e sociais, constituem o legado que é, hoje, a matriz cultural do concelho (www.cm-feira.pt). As origens da cidade da Feira são remotas e devem-se, provavelmente, à formação de uma povoação perto do Castelo. Junto às suas muralhas, realizava-se uma feira, sob a invocação da Virgem Maria, onde se vendiam os produtos das colheitas, as alfaias, as ferramentas, os panos, o sal e outros artigos necessários ao viver quotidiano da população. O Castelo, como interposto militar e de defesa de uma vasta região, proporcionava aos feirantes a segurança devida dos seus bens e dos seus produtos, podendo comercializá-los sem receios, ajudando a transformar esta feira, numa importante manifestação religiosa, cultural e social e que deu origem ao nome da terra (www.cm-feira.pt).

O topónimo "*feira*" aparece pela primeira vez, num diploma de 1117, assinado por D. Teresa "*in terra sancte marie ubi vocant feira*", bem como noutros documentos do início de 1120, quando D. Teresa se alojou no castelo de Santa Maria. Em 27 de Junho de 1407, a feira de Santa Maria é revitalizada por D. João I, que, a pedido de seu cavaleiro João Alvares Pereira, senhor da Terra de Santa Maria, manda que se faça uma feira franca quinzenal na "*dicta villa da feyra*", com todos os privilégios da de Trancoso (www.cm-feira.pt). A Vila da Feira, da Terra de Santa Maria, foi em 1472, transformada, em cabeça de condado por D. Afonso V, criando a Casa da Feira e dando o título de 1º Conde da Feira, a Rui Pereira. Esta casa continuou até 1700, altura em que morre o último destes Pereira sem deixar descendência. O Foral de 1514, concedido por D. Manuel I, vai corroborar a importância que esta terra sempre teve, desde os tempos imemoriais, da origem do seu povoamento, de terra de fronteira (www.cm-feira.pt).

Santa Maria da Feira é o maior **centro mundial de transformação de cortiça** e a maior **concentração de indústria do calçado**, assumindo ainda destaque as indústrias de metalomecânica, metalurgia, papel, cerâmica, lacticínios, brinquedos, puericultura e equipamentos para crianças. A indústria reparte-se segundo dois eixos de concentração, um NO e outro a Sul. É inegável a influência estruturante da EN1, tanto para o urbanismo do concelho, como para a concentração das unidades industriais. No eixo NO, aí se concentra a indústria corticeira (Fiães, Lamas, Paços de Brandão, Mozelos e Oleiros), coexistindo com algumas unidades tradicionais de fabrico do papel, designadamente em Paços de Brandão. É também a zona mais poluída do concelho, a mais populosa e com maiores problemas de ordenamento urbanístico. O eixo Sul está polarizado em torno de São João da Madeira e vai de Arrifana a Escapães, ao longo da EN223, onde se concentra a indústria do calçado, um sector com uma dinâmica crescente. No resto do concelho, destaca-se o núcleo das Caldas de São Jorge que se tem especializado na indústria dos brinquedos e da metalomecânica (Silva *et al.*, 2000).

No entanto, Santa Maria da Feira não despreza as suas origens rurais, visto que a agricultura, predominantemente de subsistência, se mantém como actividade importante, especialmente nas freguesias do interior. Actualmente, o grande impulso tem sido dado pelo desenvolvimento do sector terciário, a nível do comércio, turismo e serviços. Traduzindo esta dinâmica económica, nasceu em Santa Maria da Feira um dos maiores centros ibéricos de congressos e de actividades culturais – o Europarque. Considerado o “ex-libris” do concelho, o **Castelo de Santa Maria da Feira** é um dos mais notáveis monumentos militares portugueses. A diversidade dos seus recursos defensivos utilizados entre os séculos XI e XVI faz dele uma peça única de arquitectura militar.

Romariz é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 18 km² de área e 3 650 habitantes (Censos 2001). Situa-se na orla setentrional do concelho da Feira e confina, a Norte, com as freguesias de Guizande, Louredo e Vale; a nascente, com as de S. Miguel do Mato, Fermedo e Escariz (pertencentes ao concelho de Arouca); a Sul com as freguesias de Fajões e Cesar (pertencentes ao concelho de Oliveira de Azeméis) e Milheirós de Poiares; e a poente com a freguesia de Pigeiros. Em termos de acessibilidades rodoviárias, a freguesia conta com a EN326 e a EM628, 514 e 514-2. Dista cerca de 10 km a nascente da sede de concelho e ocupa uma superfície de grande extensão, caracterizada topograficamente por uma certa diversidade de relevo, ora incluindo extensões de montes fragosos e com uma certa declividade, ora mostrando trechos de planura, onde se sucedem as parcelas de terrenos férteis e relativamente húmidos. Atravessada a nascente pelo rio Uíma e a poente pelo rio Inha, ambos segundo a direcção S-N, Romariz é conhecida pelo seu castro, caracterizado por uma riqueza arqueológica impar, albergando estações e fornecendo espólio atribuível a recuadas eras pré e proto-históricas. As diversas sondagens e campanhas sistemáticas de escavações levadas a cabo, ao longo de décadas, no **castro de Romariz**, fizeram exumar artefactos líticos, metálicos e cerâmicos que atestam a presença humana nas imediações, desde, pelo menos, o período neolítico. Será já em época do domínio romano que aquele antigo povoado fortificado castrejo se revelaria no respectivo auge (Silva *et al.*, 2000). A “villa” de Romariz, sita na alti-medieval “Terra de Sancta Maria”, já possuiria uma ermida (da qual se desconhece o orago) em 1115, conforme se documenta um diploma citado por Domingos Moreira. A mesma “*uilla Romaric*” surge novamente citada em 1122.

A etimologia do topónimo, agora corónimo, não oferecerá grandes dúvidas, já que parece inequívoco tratar-se da forma genitiva de um nome pessoal, alusivo certamente ao possuidor da mesma “villa”, quiçá ainda em época de domínio romano, ou então já no período alti-medieval. A freguesia estaria já organizada como tal pelos inícios do séc. XIII, conforme documentam as Inquirições afonsinas de 1220 e 1251. Até meados do séc. XVI, as notícias documentais registam sempre o orago como “Santo Isidro”, pois só mais tarde terá ocorrido a correcção erudita para “Santo Isidoro”. Romariz foi anexada, no âmbito

das reformas do liberalismo e a 7 de Julho de 1835 à antiquíssima e extinta freguesia de S. Silvestre de Duas Igrejas (anteriormente, e por breves 4 meses, integrada em Pigeiros).

Integra os seguintes lugares: Carvalhal, Casal do Monte, Choupelo, Duas Igrejas, Fafião, Goim, Igreja, Monte Calvo, Mouquim, Oliveira, Portela, Reguenga, Romariz e Vila Nova. O orago desta freguesia é Santo Isidoro. O sector primário ocupa 10% da população, em parte devido à fertilidade dos solos, cultivando-se essencialmente a batata, milho e feijão. Já o sector secundário emprega a maior parte da população activa da freguesia, cerca de 80 %, sendo a indústria de mobiliário, a serralharia civil, a marroquinaria, a indústria do calçado e confecções, a construção civil e serração de madeiras as principais indústrias empregadoras neste sector (www.jf-romariz.pt).

Realizam-se, durante 3 a 4 dias, nos meses de Abril a Julho, as seguintes festas e romarias: a Festa do Senhor dos Milagres em Goim; a Festa de Nossa Senhora da Silva no lugar da Portela; em Fafião, a Festa de Santo António e em Vila Nova, a Festa de S. Tiago.

Pigeiros é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 5,13 km² de área e 1 369 habitantes (Censos 2001). Distando 6 km a Noroeste da sede de concelho da Feira, Pigeiros ocupa uma pequena área, no interior da metade oriental do concelho. Delimitam-na as freguesias de Caldas de São Jorge (a Noroeste), Guisande (a Norte), Romariz (a nascente), Escapães e Milheirós (ambas a Sul) e ainda Sanfins (a poente). É servida essencialmente pela EN 513, tendo a EN1 a passar muito próximo dos seus limites ocidentais, mas já na vizinha Sanfins.

O topónimo "*pigeiros*" surge em documento de 1083, então sobre a grafia arcaica de "*peiarios*". A primeira vez que esta terra surge mencionada como freguesia – *Pegueiros* – será porém nas Inquirições de 1251, no reinado de D. Afonso III. Já por então se destacava ali uma quinta honrada que as Inquirições de D. Dinis, em 1288, davam na posse de Pedro Afonso Ribeiro (Silva *et al.*, 2000). Pigeiros, apresenta características pré-latinas e indícios de grande antiguidade nomeadamente o rio Uíma (*Úmie*). De interesse arqueológico, a denunciar remotíssimas estruturas megalíticas da Pré-História recente, estará, por certo, o topónimo Pé de Arca. Destacam-se, nesta freguesia, alguns vestígios materiais de remotas civilizações, como sejam a mamoa de um já violado monumento megalítico, junto à EN1, desmantelada no séc. XVIII. Faz parte de um conjunto de monumentos megalíticos espalhados pelo concelho, com alguma incidência para esta freguesia e também para esta área, paralela à referida estrada nacional. Comprova-se, assim, a presença de comunidades já minimamente organizadas, num período final do Neolítico, inícios da Metalurgia. Mas, existem também vestígios da presença e efeito da civilização romana por estas paragens (Silva *et al.*, 2000).

Caracterizada pela ruralidade dos terrenos da bacia orográfica do rio Uíma, que por aqui faz cruzar as suas águas, correndo de Sul para Norte. Impera na freguesia a agro-pecuária praticada em regime de subsistência. Nas últimas décadas, houve um surto de industrialização, com particular incidência nos ramos da metalurgia e do fabrico do calçado (Silva *et al.*, 2000). Integra esta freguesia os seguintes lugares: Aldeia, Bajouca, Cavadas, Cimo de Aldeia, Igreja, Pé de Arca, Portela, Quinta, Sobreiro, Tresuma, Várzea e Vinhó.

Milheirós de Poiares é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 9,6 km² de área e 3 859 habitantes (Censos 2001). Ocupa a extremidade Sudeste do concelho, tem por limites, a nascente e a Sul, terras do vizinho município de Oliveira de Azeméis. Romariz a Nordeste, Pigeiros a Norte, Escapães a Noroeste e Arrifana a ponte completam os restantes limites. A EN515 e a EN1 são os seus principais eixos viários. Integram a freguesia os lugares de Casais, Crujeira, Dentazes, Gaiate, Gândara, Igreja, Mâmoa, Milheirós, Outeiro, Palhaça, Pereiro, Relvas e Seixal.

As pistas arqueotopónimas apontam para a existência local de vestígios, porventura já desaparecidos, da época do megalitismo, a coincidir com os finais do Neolítico e inícios da Metalurgia. O lugar de Mâmoa ali está para o testemunhar, pese embora o desconhecimento actual da existência de vestígios de algum monumento. Por outro lado, topónimos como Gaiate e Dentazes são já documentados a partir dos sécs. XI e XII, comprovando-se assim que já em época pré-nacional se manifestaria um considerável povoamento. A própria igreja de Milheirós – “ecclesia de Milleirous” – surge noticiada logo em 1160 (Silva *et al.*, 2000).

O simples topónimo que radica etimologicamente na suposta abundância de **milheirais** (milho miúdo) nesta área, tem a sua ocorrência já em 1113. Conhecida por Milheirós até ao séc. XVI, a adição do determinativo “de Poiares” ficar-se-á a dever, provavelmente, à necessidade de distinção em relação a Milheirós da Maia (Silva *et al.*, 2000). No passado, foi uma freguesia de grande vocação agrícola, dotada de excelentes condições edafo-climáticas para a prática da agricultura. Hoje, é uma freguesia bastante industrializada, com a instalação de fábricas do fabrico do calçado, marroquinaria, construção civil e metalurgia. Destaca-se do património arquitectónico, a Igreja Matriz, a Quinta do Seixal com a sua capela dedicada a Santo António, as Capelas de Santa Eugénia, S. Geraldo, e de Nossa Senhora das Dores, as Casas da Eira e da Mamoá, de interesse histórico, tendo servido ambas de berço a notáveis cidadãos feirenses. O orago da freguesia é São Miguel.

Escapães é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 5,44 km² de área e 3 028 habitantes (Censos 2001). Situada no interior Sul do concelho, confina com Pigeiros (a Norte), Sanfins (a Oeste), Fornos (a Sudoeste), Arrifana (a Sudeste e nascente) e, finalmente, Milheirós de Poiares (a Este). É atravessada na diagonal Norte/Sul pela EN1, principal eixo viário a servir a freguesia, onde também

entronca a EN223 que a liga à cidade da Vila da Feira. Na extremidade meridional da freguesia, passa ainda a linha de caminhos-de-ferro do Vouga. Pouco acidentada do ponto de vista topográfico, até meados do séc. XX, era uma freguesia de grande tradição agrícola, hoje transmutada em grande centro urbano e industrial com numerosas e importantes unidades fabris, nomeadamente do sector do calçado, mobiliário, serralharia e confecções.

O corónimo Escapães, já documentado em 1053, sob a grafia de "*scapanes*", crê-se radicar num nome pessoal (antropónimo) "*Scapos*", na sua forma genitiva "*scapanis*" alusiva à posse (pelo dito personagem alti-medieval) de uma "*villa*" local. Sendo de acreditar que as raízes da organização paroquial de S. Martinho de Escapães recuem até à época pré-nacional, não será porém indiscutível a sua filiação em um documento de 1053, onde se alude a um templo sediado algures entre as "*villas*" de Manhouce (actual freguesia de Arrifana) e Escapães. Já em 1160, a alusão a "*sancti martini de scapanes*" não deixa dúvidas. Curiosamente, as Inquirições de 1220 referem-na como freguesia (*frigisia*) "*de Scapos*", registando-se ainda a Igreja ("*Ecclesia*") "*de Scapaos*". Anote-se, todavia, que a forma actual "*Escapães*" já aparece grafada em finais do século XIII, em diplomas do reinado de D. Dinis (Silva *et al.*, 2000). Destaca-se do património arquitectónico da freguesia, a Igreja Matriz de São Martinho de Escapães e a **capela altaneira da Nossa Senhora das Necessidades**.

São lugares desta freguesia: Aldeia de Baixo, Aldeia de Cima, Aldeia Nova, Barreiro, Cruzeiro, Fontela, Godinha, Granja, Igreja, Lavoura, Nadais, Ribas, Souto e Vale Grande. Os topónimos Granja e Lavoura atestam o carácter rural da freguesia.

Caldas de São Jorge é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 4,70 km² de área e 2 728 habitantes (Censos 2001). Estende-se toda nas duas margens do rio Uíma até à EN1 e principia a elevar-se nela os montes de **Souto Redondo**. Dista 6 km da Vila da Feira, sede de concelho. A Sul confina com a freguesia de Pigeiros; a nascente com a de Guisande e de Lobão; ao Norte com a de Fiães e a poente com a de Fiães e de S. João de Vêr, todas do concelho de Santa Maria da Feira. É servida pela EN 223 que a atravessa no sentido NE-SO e entronca na EN1.

O território de Caldas de São Jorge é formado por duas encostas, de um e do outro lado do rio Uíma. A encosta a nascente, a começar de Sul, eleva-se bastante no Monte das Seladas e no Monte Bô, inclina-se suavemente no extenso vale de Azevedo e termina no pequeno Monte dos Candaidos. A encosta a poente, ergue-se abruptamente em terra de monte, aplanar-se a seguir no vale de Arcozelo, continua a altear-se no monte de Souto Redondo, sobe um pouco no Outeirinho da Sé, estende-se depois nos vales da Sé, de Caldelas e de Casaldoido. Extensos pinheirais emolduram estes quatros vales. São de

pequena elevação os montes desta freguesia e todos eles arborizados. Abundam as águas nas duas vertentes, sobretudo no sítio de Azevedo e de Arcozelo (www.jf-caldasdesaojorge.pt).

O único rio que aqui corre e apanha as águas das duas vertentes é o Uíma. Nesta freguesia, descobriram-se minas de cobre e de ferro em 1851. O que se encontrou e explorou foram **águas minerais** e arsénico (www.jf-caldasdesaojorge.pt). A alusão mais antiga em letra de forma à localidade de São Jorge data de 1097 "... *in uilla Caldelas hic in Sancto Georgei...*", referência que sugere ser, já nessa longínqua data, conhecida a existência das águas curativas (www.jf-caldasdesaojorge.pt).

A palavra "caldelas", de S. João das Caldelas, vem do latim "*calda*" que significa água quente. Há razões para crer que houve aqui antigamente um balneário. E o Dicionário Geográfico de 1158 diz: "*Há aqui a tradição que no rio Huima, no sítio do mato da Negrinha, houveram umas caldas, que se desfizeram por se romper uma pedra no mesmo sítio no qual ainda há vestígios de água de que curte linhos verdes em rama em dois ou 3 dias sendo necessários oito ou mais em outros sítios: e no tempo de Verão se conhece um laço por cima da água a modo de enxofre*" (www.jf-caldasdesaojorge.pt).

Mantendo ainda razoáveis extensões de coberto florestal e alguma parca actividade agrícola, esta freguesia fez assentar e desenvolver a sua vertente económica nos sectores secundário e terciário. A indústria encontra-se representada por algumas unidades de dimensão assinalável nos ramos da metalurgia e da transformação de madeiras e fabrico de mobiliário. O **termalismo** (que aqui possui uma tradição já mais do que centenária, de tal forma que emprestou o nome à freguesia) e todo o tipo de serviços associados – hotelaria, comércio local, etc., possuem igualmente grande expressão económica. Actualmente, a freguesia é o conglomerado de quatro grandes lugares: Arcozelo/Airas, Malaposta/Azevedo, Lago/Sé, Caldelas/Casaldoído. O seu patrono é São Jorge, padroeiro dos guerreiros e dos escuteiros, celebrado a 3 de Novembro.

Lobão é uma das mais freguesias mais populosas do concelho de Santa Maria da Feira, com 7,91 km² de área e 5 761 habitantes (Censos 2001). Situa-se no interior da metade setentrional do concelho da Feira e dista 10 km a NO da sede de concelho. É delimitada pelas freguesias de Sanguedo e Vila Maior (a Norte), Gião e Guisande (a nascente), Caldas de São Jorge (a Sul) e ainda Fiães (a poente). Dispõe de dois eixos rodoviários a servir-lhe de acesso: a EN326 e 223, ligando ambas à EN1.

A base do seu topónimo é um nome pessoal que, embora não muito frequente, surge em 906 como "*Lupon*" e depois em 967 como "*Lubon*". Este trata-se de um derivado de "*Lupu*" com o sufixo expressivo aumentativo – one. Existe um documento do ano de 1055 que menciona a povoação sob a arcaica grafia

"*lopone*" (a qual apontará para uma raiz etimológica em "*lupus*", termo latino que deu "lobo", quer se entenda este como nome comum, quer próprio) (Silva *et al.*, 2000).

A freguesia, com a sua igreja – a "*ecclesia de sancti Jacobi de Lubon*" – terá seu mais recuado registo em 1101. Um documento de 1172, inserto no "Censual do Cabido", volta a referir-se-lhe como "*Sancti Jacobi de Lobon*". Pelas Inquirições de 1220, apura-se que os direitos do padroado andariam então no poderoso Mosteiro de Grijó. Existiu aqui uma comenda dos templários, a qual por extinção daquela ordem em 1312, passaria à de Cristo (fundada em 1319). O ainda subsistente lugar da Corga do Lobão adquiria já certa importância pelo séc. XIII, surgindo como "*onrra de Correga*" em 1341 (Chancelaria de D. Afonso IV) (Silva *et al.*, 2000). A antiga freguesia de Lobão era no século XVIII um curato e comenda da Ordem de Cristo. Beneficiou do foral concedido em 10 de Fevereiro de 1514, pelo rei D. Manuel I, à Feira e Terras de Santa Maria. Depois do século XVIII aparece como curato da apresentação do reitor de Canedo, passando posteriormente a reitoria (www.lobaonet.com).

Apresenta uma topografia pouco acidentada, onde a oscilação de altitudes se encaixará entre os 120 a 180 metros. A poente fica-lhe a bacia orográfica do Uíma, junto aos limites com Fiães. Conserva em boa parte um denso coberto florestal, à base de pinhal e eucaliptal, mas com crescente densificação da mancha urbana. Elevada ao estatuto de vila em 1990, tem como principais actividades económicas a indústria transformadora (construção civil, ferro, madeira, têxtil, serralharia, metalomecânica e cortiça), o comércio, os serviços e ainda alguma agricultura de subsistência (www.lobaonet.com).

São lugares desta freguesia: Aldeia Nova, Amorim, Azenha, Bretal, Cainha, Carreira Cova, Candal, Chã, Cimo de Vila, Corga, Cruz, Igreja, Merujal, Miradelo, Mirelo, Mouta, Ponte Chã, Portela, Quinta, Ribeiro, Salgueiral, S. Martinho, S. Miguel, Sub-Outeiro, Tabuaça, Teixugueira, Tugilde e Vale de Cabra. O orago desta freguesia é S. Tiago.

Fiães é uma cidade e freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 6,58 km² de área e 8 754 habitantes (Censos 2001). Localiza-se no interior da metade setentrional do concelho da Feira, surge encaixada entre Lourosa (a poente), Mozelos e Sanguedo (a Norte), Lobão (a nascente), Caldas de São Jorge (a Sudeste) e S. João de Vêr (a Sudoeste). É servida pelas EN512 e EN 326 que, cortando de leste a oeste, vai entroncar na EN1 na vizinha Lourosa. Dista cerca de 11 km a Noroeste da sede de concelho.

Com uma situação geográfica privilegiada, é irrigada pelos rios Uíma, Novo, Gualtar ou Zuelas (www.ciberjunta.com/fiaes.html), este último também conhecido como Rio-às-Avevas, por correr de poente para nascente, vindo a desaguar no Uíma (Silva *et al.*, 2000). De acordo com a Enciclopédia Luso-Brasileira, esta freguesia desfruta de várias isenções de honra, sendo o seu donatário o Mosteiro de

Pedroso, que apresentava e nomeava o pároco. O padroado de Fiães passou a congregação de São João Evangelista em 1590, por bula do Papa Clemente VII (Silva *et al.*, 2000).

Das várias opiniões acerca da origem do seu topónimo, sabe-se que tem ascendência anterior à própria nacionalidade, indicando-se como mais verosímil, a versão de Leite de Vasconcelos, em que faz derivar a palavra Fiães de "*Ulfilanis*". Segundo esta versão, teria outrora havido, onde hoje é o lugar de Fiães, uma quinta ou vila rústica pertencente a um senhor chamado *Ulfila*, célebre bispo germânico que, no séc. IV, evangelizava os godos, invasores do império romano, de que fazia parte a Península Ibérica. Daí a expressão "*Ulfanis Vila*" (vila de Ulfila), que sofreu em simultâneo uma evolução fonética e morfológica, pois passou a abranger todo o povoado, que em torno da referida quinta se desenvolveu (Silva *et al.*, 2000).

Pinho Leal relaciona com uma espécie de vasos de barro preto – almofias e, suposta e primitivamente, "*fians*" – utilizado outrora para medida tributária. Não será de excluir, porém, a hipótese de o topónimo mergulhar as suas raízes em "*filanis*", vocábulo latino que originou "fio". A mais recuada grafia que se conhece datará de 1079 – "*fianes*" (Silva *et al.*, 2000). A presença humana em território da actual freguesia há-de remontar necessariamente a recuadas épocas pré-históricas. No **Nonte de Santa Maria**, também conhecido por **Monte do Redondo**, foram identificados vários vestígios arqueológicos de um antigo castro – o **Castro de Fiães**. Presume-se ter existido naquele local uma necrópole celta denominada Lancobriga (por vezes, também chamada de Langobriga) (Silva *et al.*, 2000).

Persistem na vila de Fiães alguns interessantes exemplares de antigas casas de quinta, hoje transmutadas em equipamentos escolares ou outros. São os casos das antigas estruturas residenciais da Quinta do Inspector, no lugar de Chousa de Cima e da Quinta das Camélias, em Chousa de Baixo. São, em ambos os casos, assinaláveis exemplares de palacetes ao gosto eclético da viragem do séc. XIX para o séc. XX, com os seus revestimentos azulejares ao gosto da época. No lugar da Idanha e, sobretudo no lugar do Souto, erguem-se, por sua vez, alguns bons exemplares de edificações residenciais solarengas, ostentando as típicas características de robustez e austeridade, comuns aos sécs. XVIII e XIX (Silva *et al.*, 2000). Destaca-se do património arquitectónico da freguesia a Igreja Matriz de Santa Maria de Fiães, a **Capela de Nossa Senhora da Conceição**, a **Capela de Nosso Senhor dos Aflitos** e o **Castro de Fiães**. O orago desta freguesia é Santa Maria.

Vila Maior é uma das mais pequenas freguesias da orla setentrional do concelho da Feira com 2,71 km² de área e 1 438 habitantes (Censos 2001). Confronta pelo mesmo flanco com o concelho de Vila Nova de Gaia. Nos restantes limites, sucedem-se as congéneres Sanguedo (a poente), Lobão (a Sul), Gião (a

Sudeste) e Canedo (a nascente). A EN222 é o principal eixo rodoviário ao serviço da freguesia, atravessando-a bem pelo seu centro e no sentido nascente-poente.

Devido ao seu enquadramento natural, situada sobranceira ao rio Uíma, fornece excelentes condições para o desenvolvimento do turismo em espaço rural. Não muito longe, a poente da sede paroquial, entre esta e a de Sandim, ergue-se um monte onde no passado se ergueu um **castro**. Parece ser certo que a existência deste castro daria origem a formação de propriedades medievais ou *villas*, facto que parece ser testemunhado pela existência do topónimo *Lobel*, o genitivo do nome pessoal *Lupellus*, à imagem da vizinha freguesia de Lobão, cujo nome remete para um antigo possessor do lugar de nome *Lupus*, de que *Lupellus* é o diminutivo (jsdvilamaior.com.sapo.pt).

O lugar de Vila Maior, templo paroquial e seu orago surgem já documentados em 1081, na expressão "*loci sancti mametis cum ipsa uila maiore*". Tructesindo Tructesindes, com seu filho Paio Tructesindes, fidalgos que parecem ser da estirpe ribaduriense depois chamada "de Paiva" fazem uma doação aos Mosteiros de Pedroso e Vila Cova e à Igreja de S. Mamede de Vila Maior, das suas heranças que aí possuíam. Este facto parece comprovar as origens nobres da quinta fidalga de Quintão, a representante da honra medieval de Vila Maior. Posteriormente, as Inquirições de D. Afonso II (1220) chamam-lhe já freguesia de Vila Maior ("*fregesia de Uila Maiore*") (Silva *et al.*, 2000).

Deduz-se que por alturas de entre os sécs. XII e XIV este território estivesse imune ou fosse privilegiado, honra ou couto de fidalgos cuja estirpe podia muito bem prender-se à dos grandes da região do séc. X como o "Dux" ou Conde Gondesindo Eres que teve aqui várias possessões. De facto, em 922, quando o rei leonês Ordonho visitou o Bispo resignatário Gomado no Mosteiro de Crestuma, fez a esta vasta doação - ampliada por dádivas de grandes da sua corte, parecendo que a igreja de Vila Maior era um dos seus bens em causa. Esta suposição advém, como se disse, da importância que esta Igreja tinha aquando da origem da nacionalidade. O topónimo Quintã aparenta outro genitivo, que alude para uma honra residencial medieval. O padroado da Igreja de S. Mamede de Vila Maior parece ser da coroa inicialmente, sendo doado por D. João III à Companhia de Jesus, tendo passado para a Universidade de Coimbra na 2ª metade do séc. XVIII (jsdvilamaior.com.sapo.pt).

No termo da freguesia, existiram algumas antigas e notáveis quintas, já descritas por Pinho Leal em finais do século passado: "*Uma no lugar de Quintã, pertencente aos Condes de Alcáçovas, outra do Serrão (...) e por fim, uma terceira, de Gaeta, que sendo grande e importante possuía muitos moinhos de cereais e nela foi construída a ponte de pedra "Ponte da Gaeta" em 1884 pertença de Joaquim de Fontes (...)*". Das três ainda se preserva a Casa do Serrão, remodelada (Silva *et al.*, 2000). Integra esta freguesia os

lugares de Barreiro, Boavista, Carvalho, Cedofeita, Cimo de Aldeia, Estrada, Gaeta, Lobel, Moliceiro, Padrão, Quintã, Redonda, Serrão e Tojal. O padroeiro é São Mamede.

Sanguedo tem 4,31 km² de área e 3 542 habitantes (Censos 2001), encaixada na orla setentrional do concelho da Feira, é limitada pelo concelho de Vila Nova de Gaia (a Norte) e as freguesias de Argoncilhe (a poente), Fiães (a Sul), Lobão (a Sudeste) e Vila Maior (a nascente). A EN222 surge como seu principal eixo viário. Esta freguesia ostenta uma topografia variada, com alguns acidentes naturais mais destacados, como seja o chamado **Monte de S. Bartolomeu**, junto aos limites com Vila Nova de Gaia. Num passado ainda não muito longínquo, terá Sanguedo assumido uma feição eminentemente rústica, recordando alguns dos seus topónimos essa vocação agro-pecuária. Hoje, porém, a realidade é bem diversa, notabilizando-se a freguesia pelas numerosas unidades fabris e de grande envergadura devotadas ao fabrico do carvão (Silva *et al.*, 2000).

O corónimo "*Sanguedo*" parece ter origem fitológica, baseando-se em provável abundância da planta conhecida por **sanguinho-bravo** (de onde também se terá formado o comum topónimo *Sanguinhedo*). A grafia "*Sanganeto*" é já documentada em finais do séc. IX. Sanguedo mergulhará as suas remotas raízes na existência documentada de um remoto acistério alti-medieval. Um dos mais antigos diplomas insertos nos "Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae" refere, já pelo ano de 867, a existência da "villa" de Sanguedo, com seu mosteiro de oragos São Cristovão e Santa Eulália. A fundação seria, portanto, já nessa altura remota. Curiosamente, um outro passo do mesmo diploma cita como orago do mesmo cenóbio "*Sancta Mafada*". Ao longo dos séculos, as notícias documentais sobre a freguesia aludem alternadamente aos dois oragos, isto pelo menos até meados de quatrocentos. Assim, por 1129, fala-se em "*Sancta Eulalia de Sanganedo*", ao passo que em 1288 se regista "*Sancti Christofori de sanganedo*". Outro pergaminho do mesmo ano, porém, refere-se a "*Sancta Ouaia*". Ainda por 1453 se mencionava S. Cristovão ("*Sam Xpouam*") como principal orago (Silva *et al.*, 2000). Esta freguesia integra os seguintes lugares: Agrela de baixo, Agrela de Cima, Aldeia Nova, Arraial, Avial, Boavista, Bouça, Cabo, Candal, Canaveias, Castanheira, Caboucos, Espinhol, Fonte, Igreja, Miogo, Monte Meão, Mualdo, Outeiro, Pedreiras, Sisto e Terreiro. O orago desta freguesia é Santa Eulália.

Canedo é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 27,81 km² de área e 5 782 habitantes (Censos 2001), a maior do concelho. Ocupa um considerável trecho da orla Noroeste do concelho, sendo em boa parte delimitado pelo rio Douro (margem esquerda), pelo concelho de Vila Nova de Gaia (a poente), Gondomar (a Norte e na margem direita do Douro) e ainda Castelo de Paiva (a nascente). Nos limites meridionais, sucedem-se de nascente para poente, Louredo, Vale, Glão e Vila Maior. Dispõe de um reduzido sistema viário de acesso com a EN222 com ligação a Castelo de Paiva e à EN1.

Da topografia acidentada, Canedo é orograficamente marcada pelas bacias do Douro (a Norte) e dos seus pequenos afluentes – os rios Uíma (a poente) e Inha (a nascente), ambos com os seus cursos a fluir de Sul para Norte. Denunciando uma ancestral vocação agrícola, infelizmente a desaparecer, sobressaem as majestosas casas solarengas, encabeçando outrora vastas propriedades de franco cultivado (Silva *et al.*, 2000), de que são exemplo a Casa do Páteo, a Casa do Mosteiro, a Casa de Valcova, a Casa de Lousado, a Casa da Botica e a Casa de Fagilde.

A designação *Canedo* tem a sua origem etimológica em "*cannedo*" (do latim "*cannetu*"), relacionado com os vulgares canaviais ribeirinhos (Silva *et al.*, 2000). Canedo tem as suas origens em tempos muito remotas. Engloba hoje o que outrora foram três freguesias: Várzea, existente já em 897, com uma igreja no mesmo local onde agora está a capela de S. Paio; a da Mota e a de Canedo. Dentro do seu perímetro, houve antigamente **dois mosteiros beneditinos**: um de monjas no lugar de Mosteirô, então pertencente à freguesia de Várzea, fundado em 897, e outro de monges no lugar de Mosteiro, fundado em 950. A Igreja Matriz da freguesia situa-se no lugar do Mosteiro assim chamado por ter existido um Mosteiro de Freiras Beneditinas. Este Mosteiro já existia no princípio da monarquia e a sua fundação é atribuída a D. Tello Guterres pelo ano de 950. D. Dinis doou-o solenemente em 1304 a D. Geraldo, Bispo do Porto, com a obrigação de ele e seus sucessores cantarem uma missa diária, em honra de Deus e Maria Santíssima, assim como pela alma de seu pai, pela sua e pela de seus antecedentes e sucessores. Três anos depois o bispo transferiu a doação para o Cabido da Sé. Em 1312, foi anexado ao Deado do Porto para mais fácil administração. Assim se conservou até 1336, ano em que o deão Domingos Martins recusou o padroado do Convento reduzido então a três religiosas. Como resultado desta recusa, o Mosteiro foi reduzido à Reitoria Secular indo as religiosas para o Convento do Porto. O Mosteiro e a cerca foram vendidos no tempo dos Filipes. (...) Canedo teve foral próprio concedido em 1 de Junho de 1212, por D. Afonso II, aí se dá o nome de "Vila". Pinho Leal supõe que era um verdadeiro concelho, dado que o foral de D. Manuel, em 1514 não menciona o nome de Canedo entre as freguesias da Feira, o que para o historiador significa que Canedo era um concelho à parte. É inexistente referência histórica às causas de Canedo ter passado a ser uma freguesia do concelho da Feira (Silva *et al.*, 2000). São lugares desta freguesia: Barreiro, Bouças, Canedo, Carvoeiro, Ervideiro, Espinheiro, Framil, Gonveja, Ilha, Inha, Lousado, Mocado, Mosteiro, Mosteirô, Mota, Mouchão, Paço, Povoas, Povoas, Rebordelo, Sameiro, S. Roque, Sobreda, Sousanil, Terças, Valcova, Varzea e Vilares. O orago é S. Pedro.

Concelho de Vila Nova de Gaia

É o concelho mais a jusante da bacia hidrográfica do rio Uíma, com área de 168,7 km² e cerca de 288 749 habitantes (Censos 2001), o terceiro mais populoso de Portugal, e o mais populoso da Região Norte.

Subdividido em 24 freguesias, está limitado a Norte pelo município do Porto, a Nordeste por Gondomar, a Sul por Santa Maria da Feira e Espinho e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Este contexto permite-lhe ser um concelho de grandes contrastes entre zonas interiores, rio e mar, bem como entre áreas urbanas, industriais e rurais. A cidade está localizada na margem sul da foz do rio Douro.

As caves do famoso vinho do Porto ficam localizadas neste concelho. A origem de Vila Nova de Gaia remonta provavelmente a um castro celta. Quando integrada no Império Romano, tomou o nome *Cale* (ou *Gale*). Este nome é, com grande probabilidade de origem céltica, um desenvolvimento de "*Gall*", com a qual os celtas se referiam a eles próprios. O próprio rio Douro (*Durus* em latim), é igualmente celta, construído a partir do celta "*dwr*", que significa água. Durante os tempos romanos, a grande maioria da população viveria na margem sul do Douro, situando-se a norte uma pequena comunidade em torno do porto de águas fundas, no local onde se situa agora a zona ribeirinha do Porto. O nome da cidade do Porto, posteriormente, "*Portus Cale*", significaria o Porto ("*portus*" em latim) da cidade de Gaia (www.cm-gaia.pt).

Com o desenvolvimento como centro de trocas comerciais, a margem norte acabou por também crescer em importância, tendo-se aí estabelecido o clero e os burgueses. Com as invasões mouras do séc. VII d.C., a fronteira "de facto" entre o estado árabe e cristão acabou por se estabelecer por um longo período de tempo no rio Douro, por volta do ano 1000. Com os constantes ataques e contra-ataques, a cidade de Cale, ou Gaia, perdeu a sua população, que se refugiou na margem norte do Rio Douro. Após a conquista e pacificação dos territórios a sul do Douro, por volta de 1035, com o êxodo e expulsão das populações muçulmanas, deixando terras férteis abandonadas, os colonos estabeleceram-se novamente em Gaia, em troca por melhores contratos feudais, com os novos senhores das terras conquistadas. Esta nova população refundou a antiga cidade de Cale com o nome Vila Nova de Gaia em torno do castelo e ruínas da velha "Gaia". O nome das duas cidades de Porto e Gaia era frequentemente referido em documentos contemporâneos como "*villa de Portucale*", e o condado do Reino de Leão em torno da cidade denominado Portucalense. Este condado esteve na origem do posterior reino de Portugal. Após a fundação de Portugal, as duas cidades que deram origem a Vila Nova de Gaia mantiveram-se autónomas (www.cm-gaia.pt).

Gaia recebeu carta de foral do rei D. Afonso III em 1255, seguindo-se Vila Nova em 1288, por decreto de D. Dinis. Em 1383, no entanto, ambas foram integradas no julgado do Porto, perdendo a sua autonomia. Reconhecida sobretudo pela pujança agrícola, teve um papel fundamental no desenvolvimento comercial do Vinho do Porto. Aqui se fixaram a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, e os armazéns das diversas companhias exportadoras. No século XIX, esteve no centro de batalhas significativas em grandes conflitos armados. Tanto na Guerra Peninsular como nas Guerras Liberais, o rio

Douro marcou a fronteira entre os campos beligerantes, sendo palco de batalhas significativas. Data deste segundo conflito, o desenvolvimento e reputação de uma das imagens de marca da cidade, a fortificação da Serra do Pilar, durante o Cerco do Porto. No final das guerras liberais, Gaia e Vila Nova foram finalmente agraciadas com autonomia política, e ao fundirem-se nasceu o actual concelho de Vila Nova de Gaia, em 20 de Junho de 1834. O crescimento populacional e económico da cidade teve paralelos com os períodos de construção das pontes. Com inúmeras indústrias a fixarem-se na vila nos finais do séc. XIX, e o grande aumento populacional na 2ª metade do séc. XX, foi finalmente elevada a cidade em 1984 (www.cm-gaia.pt). Apesar de grande percentagem da população residente efectuar movimentos pendulares para o concelho vizinho do Porto, Gaia tem uma grande tradição industrial. Existem empresas de dimensões variáveis em áreas distintas como cerâmica, têxtil, ferragens e construção civil. Vila Nova de Gaia tem boas acessibilidades rodoviárias e ferroviárias: é servida pelo Metro do Porto, CP e STCP e os principais eixos rodoviários são a A1, IC1, A29, A41, A44 e o IP1.

Sandim é uma freguesia de Vila Nova de Gaia. Tem uma área de 13 km² e cerca de 6 326 habitantes (Censos 2001). É a segunda maior freguesia de Gaia, e uma das menos populosas. Situa-se no extremo Sudeste do concelho de Vila Nova de Gaia, a 4 km a Sul da margem esquerda do rio Douro, atravessada pela EN222, a 5 km da EN1. É limitada a Norte pelas freguesias de Olival e Crestuma (Vila Nova de Gaia), a Sul pelas freguesias de Vila Maior e Sanguedo (Santa Maria da Feira), a nascente pelas freguesias de Lever (Vila Nova de Gaia) e Canedo (Santa Maria da Feira) e a poente pela freguesia de Argoncilhe (Santa Maria da Feira). Tem um relevo bastante irregular, com quebradas abruptas e aplanamento na bacia hidrográfica do rio Uíma (www.jf-sandim.pt). Os subafluentes Rio da Candeeira e Ribeiro de Gende, em conjunto com o **rio Uíma**, são, sem dúvida, a **razão da história de Sandim**. Pequenos aglomerados populacionais aparecem por toda a área, por entre extensões de floresta e terras cultivadas, salpicadas de canastros e espigueiros e recortadas pelo Uíma. As suas margens podem oferecer um proveitoso momento de lazer e apreciação dos **moinhos** que por aqui se implantam, e se em tempos foram um factor económico de grande importância, hoje constituem um conjunto patrimonial etnográfico ligado à arte da **produção de pão** (www.viladesandim.org). Em tempos, deu origem a uma laboriosa actividade de moagem de cereais, essencialmente milho.

O topónimo de Sandim aparece documentado, desde o séc. XII, para designar a paróquia. Tem origem no germânico *Sandini*, *Sendini*, ou *Sindini* - nome próprio, trazido por Suevos e Visigodos. Na origem da freguesia terá estado, então, uma "villa" - a *Villa Sandini* - unidade agrária romana, uma espécie de grande quinta em que o senhor detinha certos poderes administrativos e judiciais. Nesta Villa de Sandini - cuja organização terá perdurado pelo menos durante a fase inicial da Idade Média - terá existido uma igreja. E no contexto da Reforma Gregoriana do séc. XI terão sido anexadas à jurisdição de Sandim outras "villas" e lugares (www.cm-gaia.pt). Nas Inquirições de D. Dinis, a freguesia aparece como "Couto

do Bispo do Porto" e, em 1527, como "*Aldea do Couto de Vila Cova de Sandim*". Esta designação conota-se com o **Mosteiro de Vila Cova das Donas** (www.jf-sandim.pt), da Ordem Beneditina, fundado ainda antes da nacionalidade e com couto cujos limites acompanham sensivelmente o que hoje é a extensão territorial da freguesia. Foi extinto no séc. XVI e anexado ao Mosteiro de São Bento da Avé-Maria, do Porto, onde se recolheram as religiosas juntamente com outras oriundas dos mosteiros de Rio Tinto, Tuíás e Tarouquela. Resta apenas uma ermida românica, aquilo que se pensa ter sido a capela-mor da Igreja conventual (ww.cm-gaia.pt).

Registe-se, também, a existência de um **castro**, povoado da idade do Ferro, na confluência do rio Uíma e do ribeiro da Candeeira, num local apropriadamente chamado de **Entre-Águas**, de acesso difícil, como era característico dos castros (www.viladesandim.org) e cujo desaparecimento ter-se-á devido à acção do Império Romano. No séc. XIX, após a Revolução Liberal, Sandim foi concelho independente em 1834 (www.jf-sandim.pt). Foi elevada a Vila em 19 de Abril de 2001. Alguns dos 45 lugares da freguesia são muito antigos: Crasto, Gougeva, Sá, Mourilhe ou Mouril, Gende, etc. Dispersam-se pela freguesia várias casas abasileiradas construídas por habitantes da freguesia que fizeram fortuna no Brasil (www.jf-sandim.pt).

O brasão da freguesia reflecte a **ligação entre a agricultura e as linhas de água** que atravessam a freguesia. As espigas representam a agricultura que foi a principal actividade económica da freguesia até quase meados do séc. XX. A mó representa a **indústria da moagem** que, associada à agricultura, foram as actividades económicas mais antigas e importantes da freguesia, que perdurou até aos nossos dias. A roda dentada representa a actividade industrial da freguesia, com especial destaque para a **indústria de transformação de papel** (cartonagem) já a laborar nesta freguesia desde meados do séc. XIX e a construção civil. A água representa os rios da freguesia: **rio Uíma**, afluente do rio Douro, e **rio da Candeeira** ou Linhares, afluente do rio Uíma (www.jf-sandim.pt).

Sandim, foi outrora, um espaço geográfico essencialmente agrícola, complementado com a **indústria de moagem e do papel** que floresceu ao longo do rio Uíma. A indústria do papel resultou do aproveitamento da energia das suas águas. A origem da indústria papeleira em Sandim radica na sua congénere do concelho da Feira, nomeadamente Oleiros e Paços de Brandão e deixou marcas na toponímia da freguesia, como por exemplo, o **Lugar do Engenho**. No sector das madeiras e dos transportes, surgiram pequenas empresas, como verdadeiro suporte de actividade económica, ligadas à construção civil, de cariz familiar. Em termos arquitectónicos, Sandim preservou as suas características rurais, já que predominam, ainda, nas zonas urbanizadas, as **grandes casas de lavoura** e os espigueiros lado a lado com as **casas dos emigrantes**, mais vistosas. A Igreja Matriz, a **Capela de Gassamar ou de Nossa Senhora da Penha de França**, a **ponte romana de Carro**, no lugar de Sá e os **moinhos** ao longo do rio

Úima são pontos de interesse da freguesia. Celebra-se em Sandim as festividades em honra do **Senhor dos Aflitos** (Junho) e **Nossa Senhora das Candeias** (2 de Fevereiro).

Lever é uma freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia, com 6,88 km² de área e 3 033 habitantes (Censos 2001). Foi elevada a vila em 12 de Julho de 2001. Situada na zona oriental do concelho, dista 18 km da sede de concelho, junto à margem esquerda do rio Douro, que lhe marca os limites setentrionais com o município de Gondomar, tendo a Vila de Crestuma (Vila Nova de Gaia) a Oeste, a Vila de Sandim a Sul (Vila Nova de Gaia) e a Vila de Canedo (Santa Maria da Feira) a nascente e a Vila de Olival (Vila Nova de Gaia) a poente.

O topónimo Lever tem a sua origem na "*Villa Liberii*", isto é, a quinta de Liberius, sendo assim um antropónimo latino. A primeira referência sobre esta freguesia remonta a 12 de Junho de 922, inscrevendo-se numa doação de D. Gomado, Bispo de Coimbra, que tendo renunciado ao bispado com consentimento de Ordonho II, fez-se religioso no Mosteiro de Crestuma, que enriqueceu de bens. Neste documento, Lever é referido a respeito das "*heredes de Levert*" do "*terminum de Levert*". Em 1608, é demarcada como freguesia e, mais tarde, em 1758 era Termo da Feira. Em 11 de Outubro de 1926, a freguesia foi anexada ao concelho de Gaia (Barros e Costa, 2000).

Destaca-se sobretudo pela imensa área florestal que cobre cerca de metade do seu território (www.cm-gaia.pt). As condições naturais foram um incentivo aos povos para se fixarem, desde tempos longínquos. Documentos comprovam a existência de **mamoas**, monumentos funerários nos tempos do Neolítico, há cinco milénios, nesta freguesia. Há também notícia da existência de um **castro**, no espaço da freguesia, com a expressiva localização do chamado Castelhinho de Lever que continua pelos outeiros de Labude. No séc. XIII, cultivou-se o milho, o trigo, a aveia, colhendo-se a cera e o mel. Em 11 de Outubro de 1926, a freguesia foi anexada ao concelho de Gaia (www.ciberjunta.com/lever.html).

Do património construído de Lever refira-se a antiga Igreja Matriz, um cruzeiro, alminhas, casas de xisto do séc. XIX e uma casa senhorial, **alguns moinhos de cereal**, a Capela de S. Sebastião e a **Barragem de Crestuma-Lever**, edificada sobre o rio Douro entre 1978 e 1985, a mando da Companhia Portuguesa de Produção de Electricidade. No campo da arqueologia industrial, salienta-se a **fábrica de papel** e a unidade fabril da **Companhia de Fiação de Crestuma**. No tocante à indústria, Lever tem uma enorme tradição na **tecelagem**, nos curtumes e na **panificação**. A **pesca** de lampreias, sável, muge, tainhas e barbos foi sempre importante na vida económica desta freguesia, bem como a **agricultura**, com o cultivo de **cereais**, **legumes** e a produção de **vinho** (www.cm-gaia.pt). A freguesia incorpora diversos lugares: Abrecovo, Aguincheiras, Arnal, Barreiro, Bouça, Chelo, Covelo, Cruz, Escadas, Hortas, Igreja, Libais, Mata, Painçais, Pinhal, Portelinha, e Santo. Na freguesia de Lever, celebra-se a feira semanal ao

domingo, no Largo do Santo, a Festa em honra de S. Tiago (último fim-de-semana de Julho), na Avenida da Igreja Velha; a Festa em honra de Santo André (último fim-de-semana de Novembro), no Lugar da Portelinha e a Festa do Sagrado Coração de Jesus (último fim-de-semana de Agosto), no Largo do Santo. É seu orago Santo André, invocado no Inverno e os leverenses apelam à sua protecção, em virtude dos Invernos rigorosos que se sentem na vila.

Crestuma é uma freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia, com 4,93 km² de área e 2 962 habitantes (Censos 2001). Foi elevada a vila em 12 de Julho de 2001. Situa-se na zona oriental do concelho de Gaia, junto à margem esquerda do rio Douro, tendo a Vila de Olival a poente, a Vila de Sandim a Sul e a Vila de Lever a nascente e dista da sede de concelho cerca de 14 km.

Constituiu um couto até ao início do séc. XIX. O topónimo tem origem na síntese de duas palavras: *Castrum*, povoação elevada, e *Uíma*, nome do rio que lhe passa ao pé e que desagua no rio Douro. A ocupação humana deste lugar está atestada por inúmeros vestígios arqueológicos e um documento de 922 fala de uma ermida com o seu cemitério, no mosteiro e na vila, e conta-se que neste local se encontrou o rei D. Ordonho, de Leão, com o Bispo D. Gomado, que depois de ter renunciado ao seu cargo, aqui se recolheu. Feita couto, Crestuma foi doada pela Rainha Dona Teresa ao Bispo D. Hugo, do Porto; e ao seu sucessor, D. Pedro Rabaldis, por D. Afonso Henriques (Costa, 2000). Caminhando por entre vales, pinheirais e terras chãs, atinge-se os terrenos alcantilados que caem sobre o rio Uíma e o Douro. São terrenos e aldeias em socacos, formando autênticos anfiteatros sobre estes rios, cujas margens se revestem de densos bosques que se reflectem nas suas águas. É conhecida pela sua **barragem** e pela linda paisagem que apresenta mais parecendo uma cascata banhada pelo rio Douro e atravessada pelo rio Uíma.

Exactamente sobre estas belezas referia Sant'Anna Dionísio no *Guia de Portugal*: "*Proseguindo, os olhos não se cansam de se recrear na beleza e amplitude do extraordinário vale. Mais uma ou duas inflexões, eândricas, mais um ou dois segmentos rectilíneos, e estamos à vista da airosa povoação industrial de Crestuma, alcandorada na margem sul do rio*" (FCG, 1985). A indústria têxtil e a fundição permitiram que fosse uma das freguesias mais evoluídas no concelho. No entanto, a crise energética de 70 conduziu à ruína e emigração.

Na zona da **Fontinha**, permanecem edifícios que outrora fizeram parte da zona **têxtil**. O desenvolvimento da freguesia está junto ao rio. A **Igreja Matriz** é um dos símbolos de Crestuma. A vista do adro, a capela do Aral e as alminhas do cruzeiro dão vida à freguesia. Em Fioso, repousa o magnífico monumento da Tecedeira (www.crestuma.ciberjunta.com). A Vila de Crestuma é composta pelos seguintes lugares: Areia, Burgo, Carmona, Carvalhosa, Casal, Casalinho, Castanheiros, Cepo, Cimo da Aldeia, Colégio,

Devesa, Fioso, Fonte, Igreja, Lage, Lagoa, Murça, Pena, Penedo, Picoto, Quinta da Velha, Sobral, Torrão e Vessada. Celebra-se nesta freguesia as festividades em honra de Santa Marinha, padroeira da freguesia (Julho).

Bibliografia

Terras da Feira: www.terrasdafeira.pt

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira: www.cm-feira.pt

Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia: www.cm-gaia.pt

Junta de Freguesia de Romariz (Santa Maria da Feira): www.jf-romariz.pt

Junta de Freguesia das Caldas de São Jorge (Santa Maria da Feira): www.jf-caldasdesaojorge.pt

Blog das Caldas de São Jorge: caldas-sao-jorge.blogspot.com

Junta de Freguesia do Lobão (Santa Maria da Feira): www.lobaonet.com

Junta de Freguesia de Fiães (Santa Maria da Feira): www.ciberjunta.com/fiaes.html

Núcleo da JSD em Vila Maior: jsdvilamaior.com.sapo.pt

Junta de Freguesia de Sandim (Santa Maria da Feira): www.jf-sandim.pt

Freguesia de Sandim: www.viladesandim.org

Junta de Freguesia de Lever (Vila Nova de Gaia): www.ciberjunta.com/lever.html

Junta de Freguesia de Crestuma (Vila Nova de Gaia): www.crestuma.ciberjunta.com

Amigos do Uíma: amigosdouima.org

Roteiros da Água: www.roteirosdaagua.com

Vias Romanas em Portugal: viasromanas.planetaclix.pt

Futuro Sustentável: www.futurosustentavel.org

Casa da Eira: www.casadaeira.pt

Quinta do Rio: www.quinta-do-rio.net

Termas das Caldas de São Jorge: www.termas-sjorge.com

Instituto Português do Património Arquitectónico: www.ippar.pt

Campanha 50 Espaços Verdes em Perigo – 50 Espaços Verdes a Preservar da Campo Aberto:
www.50espacos.campoaberto.org

AFONSO, António; CARVALHO, Fernando (1990); Estudo das condições do rio Arda para a instalação de uma truticultura do tipo industrial; in Separata de "Observatório", Revista do Sector de Acção Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, nº 1, Dez.1990.

ALFERES, Padre Albano de Paiva (2006); Velharias... homens e mulheres, factos e curiosidades; Liga dos Amigos da Feira, Vila da Feira, pp. 190.

ALMEIDA, Luís (1990); A riqueza ecológica da bacia do Douro e seus afluentes em vias de extinção; in Observatório N°1; Revista do Sector de Acção Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

BAPTISTA, Fernando (2000); História de Sandim; Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e Junta de Freguesia de Sandim.

BARROS, Abel; COSTA, Francisco Barbosa da (2003); Santo André de Lever – Notas Monográficas; Paróquia de Santo André de Lever.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA (1990); Actas do I Congresso Internacional sobre o Douro; in Observatório nº 1, Revista do Sector de Acção Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Dez. 1990.

COSTA, Francisco Barbosa da (2000); Santa Marinha de Crestuma: Notas Monográficas; Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e Junta de Freguesia de Crestuma.

COELHO, Celeste de Oliveira Alves (1990); Rio Uíma: relações entre o uso da terra e a dinâmica fluvial; in Separata de "Observatório", Revista do Sector de Acção Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, nº 1, Dez.1990.

INE (2001); Recenseamento Geral da Agricultura 1999. Entre Douro e Minho. Principais Resultados; INE, Lisboa.

INE (2007); Anuário Estatístico da Região Norte 2006; INE; Lisboa.

JORNAL DE NOTÍCIAS de 10 de Setembro de 2004: "Nova descarga poluente mata peixes no rio Uíma"

JORNAL DE NOTÍCIAS de 15 de Setembro de 2004: "Uíma ainda é alvo de descargas poluentes"

JORNAL DE NOTÍCIAS de 15 de Maio de 2006: "Esgotos vão parar ao rio"

JORNAL DE NOTÍCIAS de 5 de Junho de 2006: "Romaria diária ao rio Uíma para ver lontras"

LEAL, Augusto de Pinho (1873); Portugal Antigo e Moderno – Dicionario Geographico, Estatistico, chorographico, heráldico, archaeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal, vol. I, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa.

Memórias Paroquiais na Divisão Administrativa do Porto, Porto, 1758.

Moliceiro.Com de 14 de Setembro de 2004: Feira: "Poluição no Rio Uíma pode motivar queixa à Europa"

Portal Regional de Aveiro de 4 de Junho de 2008: "ETAR de Argoncilhe vai despoluir o Rio Uíma"

Primeiro de Janeiro de 19 de Outubro de 2006: Construção da ETAR de Fiães arranca no início do próximo ano

SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Catarina Sofia (textos); VEIGA, Fernando Mendes (2000); Feira: Terras de Santa Maria; Anégia Editores, Paços de Ferreira, pp. 159.

SOUSA, Arlindo de (1954); Umica : civilização pré-histórica, proto-histórica, romana e romano-portuguesa da bacia do Uíma, no concelho da Feira; Comunicação apresentada ao XIX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em San Sebastian, em 1947, Sep. do Arq. do Distrito de Aveiro, vol. XX, pp. 59.